



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

O impacto do rumor na construção de falsas memórias em crianças de idade pré- escolar

Sara Durão Gomes dos Santos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professora Doutora Fátima Simões
Covilhã, Junho de 2012

Resumo

O presente estudo tem como principal objectivo avaliar o impacto do rumor (variável independente) na construção de falsas memórias (variável dependente) em crianças de idade pré-escolar. Desenvolveu-se um estudo de design quasi-experimental, baseado nos trabalhos de Principe e colaboradores (2002, 2006, 2007 e 2010). Participaram neste estudo 142 crianças pertencentes a instituições pré-escolares do concelho da Covilhã. Todos os participantes assistiram a uma sessão de magia, sendo que, posteriormente, foram distribuídos por quatro condições experimentais que diferem no grau de exposição ao rumor. Em cada um destes quatro grupos existiram, ainda, duas condições distintas no que respeita ao tipo de entrevistas utilizadas na averiguação da construção de falsas memórias, ambas estruturadas, neutra vs. sugestiva. Através dos resultados obtidos verificou-se que a maioria das crianças relatou fidedignamente a experiência vivida. Contudo, uma percentagem significativa de relatos evidencia a construção de falsas memórias. Os resultados demonstraram ainda os efeitos negativos da propagação do rumor, mesmo através do grupo de pares, como documentado por Principe et al. (2006). Contudo, a exposição directa ao rumor introduzido por um adulto parece ter um impacto superior na alteração dos traços mnésicos para um evento, donde se poderá inferir a percepção dos seus pares como menos credíveis.

Palavras-chave: Falsas memórias, Rumor, Sugestionabilidade, Crianças de idade pré-escolar

Abstract

The present study intends to assess the impact of rumor (independent variable) in the construction of false memories (dependent variable) in children of preschool age. It was developed a quasi-experimental study design, based on the works of Prince and colleagues (2002, 2006, 2007 and 2010). In this study participated 142 children belonging to the pre-school institutions in the county of Covilhã. All participants attended a short magic show, and, subsequently, were distributed by four experimental conditions that differed in the degree of exposure to the rumor. In each of these four groups existed, yet, two different conditions regarding the type of interviews used to investigate the construction of false memories, both structured, neutral vs. suggestive. The results showed that the majority of children reported faithfully the lived experience. However, a significant percentage of reports shows the construction of false memories. The results also showed the negative effects of the spread of rumor, even through the peer group, as documented by Prince et al. (2006). However, direct exposure to rumor introduced by an adult seems to have a greater impact in the amendment of mnesic dashes for an event, where we can infer the perception of their peers as less credible.

Key-words: False Memories, Rumor, Suggestibility, Preeschoolers

Agradecimentos

A todos os que aumentaram o meu horizonte de ignorância,
ao expandirem o meu campo de conhecimento...

A todos os que materializaram o meu conceito de amizade...

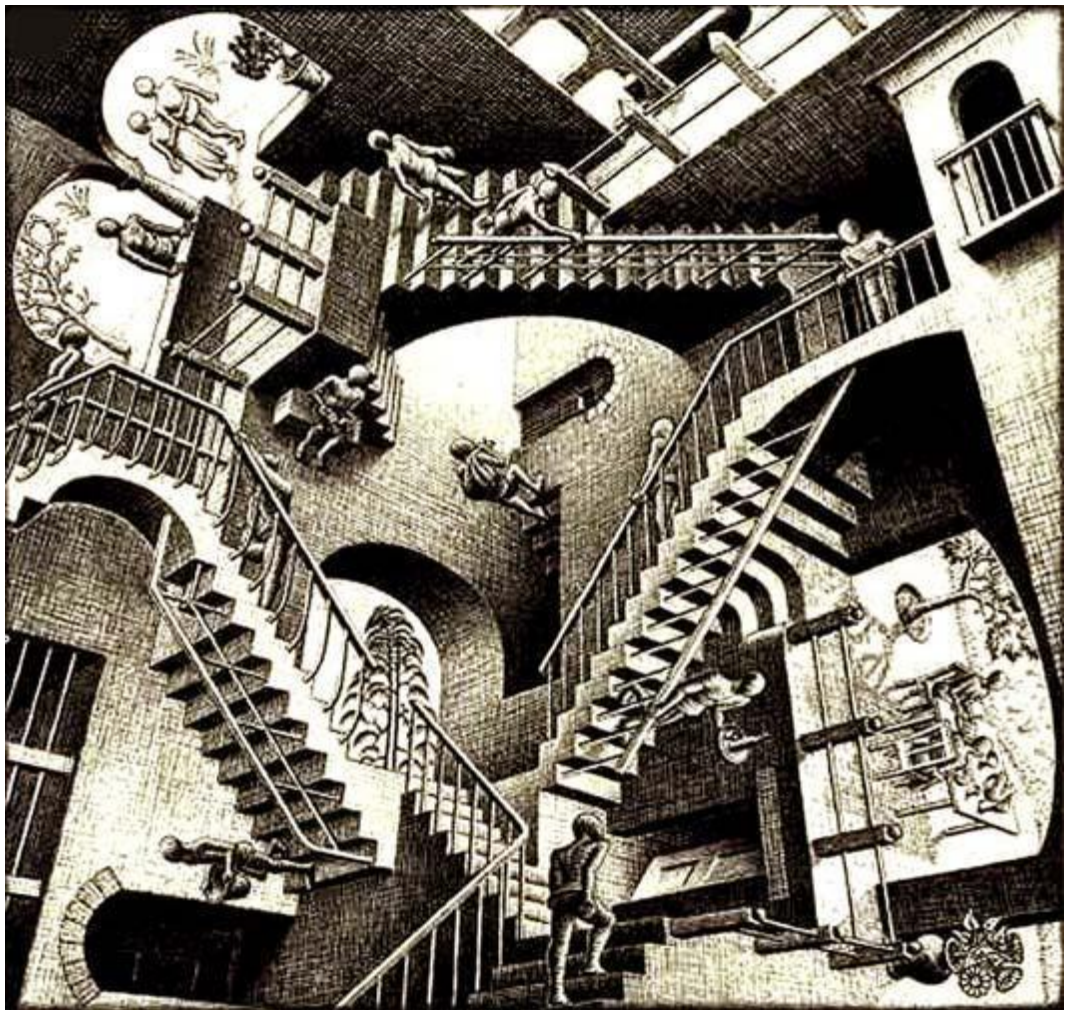
A todos os que anularam as minhas sensações sísifianas...

A todos os que me mostraram que algumas paredes

não passam de paradoxos visuais...

E...a todos os que me ensinaram

a ver através delas...



Relatividade (M. C. Escher, 1953)

Índice

Resumo	III
Abstract.....	IV
Agradecimentos	V
Lista de Figuras.....	X
Lista de tabelas.....	XII
Introdução.....	1
Capítulo I – Corpo teórico	2
1 - Conceito de Falsas Memórias	3
1.1 - Teorias Explicativas das Falsas Memórias.....	3
1.1.1 - Paradigma Construtivista	3
1.1.2 - Teoria da Monitorização da Fonte	4
1.1.3 - Teoria do Traço Difuso	5
1.1.4 - Paradigma de Associados Convergentes (DRM)	7
1.1.5-Paradigma da Inflação pela Imaginação	7
1.1.6-Paradigma da Desinformação.....	8
2 - Falsas Memórias em Crianças	9
2.1 - Sugestionabilidade em Crianças	12
2.1.1 - Factores Individuais	15
2.1.2 - Factores Relacionados com a Entrevista.....	17
2.1.3 - Viés do Entrevistador	17
2.1.4 - Tom Emocional da Entrevista	18
2.1.5 - Status do Entrevistador.....	19
2.1.6 - Indução de Estereótipos	19
2.1.7 - Repetição de Entrevistas.....	21
2.1.8 - Repetição de Questões	22
2.1.9 - Questões Abertas Vs Questões Fechadas.....	22
2.1.10 - Questões Sugestivas	23
2.1.11 - Utilização de Bonecos Anatómicos	24
3 - Rumor e Desinformação entre o Grupo de Pares.....	25
1 – Apresentação do estudo	31

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

1.1 – Tipo de estudo.....	31
1.2 – Objectivos.....	31
1.3 – Definição das variáveis em estudo.....	32
1.4 – Hipóteses.....	32
2 – Método.....	33
2.1 – Participantes.....	33
2.2 – Instrumentos.....	35
2.2.1 - Entrevista estruturada.....	35
2.3 - Procedimentos.....	36
3- Análise Estatística.....	37
4 – Resultados.....	38
5 – Discussão.....	59
6 - Conclusões.....	68
Referências bibliográficas.....	71

Lista de Figuras

Figura 1 - Tipos de Questões e Sugestionabilidade indexada

Figura 2 - Distribuição dos participantes consoante o sexo

Lista de tabelas

Tabela 1 - Distribuição frequencial e percentual da amostra consoante as idades

Tabela 2 - Distribuição frequencial e percentual da amostra consoante o tipo de entrevista

Tabela 3 - Valores relativos ao teste Kolmogorov-Smirnov

Tabela 4 - Distribuição frequencial e percentual da amostra global consoante a resposta dada à questão *target*

Tabela 5 - Distribuição frequencial e percentual das respostas dos sujeitos consoante os grupos à questão *target* na primeira entrevista

Tabela 6 - Distribuição frequencial e percentual das respostas dos sujeitos consoante os grupos de idades à questão *target* na primeira entrevista

Tabela 7 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função do tipo de resposta na primeira entrevista

Tabela 8 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função da resposta à questão sobre o desenho do livro de pintura na primeira entrevista

Tabela 9 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função da resposta à questão sobre as cores dos copos

Tabela 10 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função da resposta à questão sobre a transformação de um menino

Tabela 11 - Distribuição frequencial e percentual por sexos consoante a resposta dada à questão *target*

Tabela 12 - Distribuição frequencial e percentual por sexo consoante a resposta à questão sobre os desenhos do livro de pintura

Tabela 13 - Distribuição frequencial e percentual por sexo consoante a resposta à questão sobre as cores dos copos

Tabela 14 - Distribuição frequencial e percentual por sexo consoante a resposta à questão sobre a transformação de um dos meninos

Tabela 15 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão *target*

Tabela 16 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão sobre o livro de pintura

Tabela 17 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão sobre as cores dos copos

Tabela 18 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão sobre as cores dos copos

Tabela 19 - Distribuição frequencial e percentual da amostra global consoante a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Tabela 20 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Tabela 21 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Tabela 22 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades para o tipo de resposta

Tabela 23 - Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades para a resposta dada à questão sobre as cores dos copos na segunda entrevista

Tabela 24 - Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Tabela 25 - Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão sobre os desenhos do livro de pintura na segunda entrevista

Tabela 26 - Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão sobre as cores dos copos na segunda entrevista

Tabela 27 - Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão sobre a transformação de um dos meninos na segunda entrevista

Tabela 28 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Tabela 29 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão sobre os desenhos no livro de pintura na segunda entrevista

Tabela 30 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão sobre as cores dos copos na segunda entrevista

Tabela 31 - Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão sobre a transformação de um dos meninos na segunda entrevista

Tabela 32 - Distribuição frequencial e percentual do grupo 1 consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Tabela 33 - Distribuição frequencial e percentual do grupo 2 consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Tabela 34 - Distribuição frequencial e percentual do grupo 4 consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Introdução

Ainda que a memória humana seja geralmente fiável e nos permita realizar uma grande variedade de tarefas na nossa vida diária, pode, no entanto, falhar em determinadas situações. Esta dualidade é o que Schacter (1996) denomina por “frágil poder” da memória: por um lado a sua grande influência e, por outro, as suas numerosas limitações. Apesar de inócuas no quotidiano, em contexto jurídico as falsas memórias podem ser bastante prejudiciais. O estudo das falsas memórias em crianças tem sido incentivado pela necessidade de compreender e avaliar a exactidão do seu relato, uma vez que muitas vezes este é o único meio de prova num processo criminal, seja como testemunhas oculares, como vítimas de abuso físico ou sexual ou em casos de atribuição do poder paternal.

O objectivo primordial do presente estudo é a compreensão da interferência do rumor nas declarações das crianças para a memória de uma experiência. As distorções da memória têm variadas causas e teorias explicativas, podendo ser espontâneas ou sugeridas, no entanto a investigação de factores externos à entrevista (forense) tem carecido de investigação científica. Sendo a memória construtiva, o rumor que surge no amplo espectro das relações interpessoais das crianças é passível de integrar as suas recordações. As crianças em idade pré-escolar, pelas suas condicionantes desenvolvimentais, nomeadamente dificuldades de controlo da fonte de informação, são especialmente vulneráveis a este tipo de (des)informação. Pretendeu-se portanto dar um contributo ao estudo das falsas memórias em crianças através de uma metodologia experimental que se aproximasse ao contexto real das experiências vividas no dia a dia.

Deste modo, a sequência estrutural desta dissertação, apresenta, num primeiro capítulo o corpo teórico, que envolve a revisão bibliográfica efectuada acerca das falsas memórias e sugestionabilidade em crianças e do impacto do rumor sobre as mesmas, sendo que o segundo capítulo se refere ao estudo empírico realizado e decorrentes conclusões.

Capítulo I - Corpo teórico

1 - Conceito de Falsas Memórias

*“A diferença entre as falsas memórias e as verdadeiras é a mesma das jóias:
São sempre as falsas que parecem ser as mais reais, as mais brilhantes.”*

(Salvador Dalí)

A memória é maleável, selectiva e susceptível de sofrer distorções que conduzem à construção de falsas memórias (Loftus, 2008). O processo que origina a distorção pauta a classificação das falsas memórias em espontâneas e sugeridas. Deste modo, as falsas memórias espontâneas são as que resultam de distorções endógenas e as falsas memórias sugeridas, como se depreende da própria nomenclatura, advêm de informação errónea oferecida pelo ambiente externo (Stein e col., 2010).

As falsas memórias espontâneas, ou auto-sugeridas, derivam de distorções internas ao sujeito. Assim, uma inferência ou interpretação poderá ser recordada como parte da informação original, ou a recordação de um acontecimento poderá ser recordada como pertencente a outro evento (Stein e col., 2010). As falsas memórias sugeridas resultam da sugestão, externa, de falsa informação e ocorrem aquando da aceitação de uma falsa informação, posterior ao evento, e sua consequente inclusão na memória original (Gudjonson, 1986; Loftus, 2004). A falsa informação tende a reduzir recordações verídicas e a aumentar as distorções mnésicas (Brainerd e Reyna, 2005), sendo que este fenómeno pode ocorrer de modo accidental ou deliberado por parte do informador externo (o sujeito não tem consciência das distorções de processamento sofridas). Este processo ocorre exclusivamente devido distorções mnésicas e deverá distinguir-se da mentira ou da simulação, pelo que implica a não consciência do processo e o facto de resultar de uma informação posterior ao evento (Stein e col., 2010).

1.1- Teorias Explicativas das Falsas Memórias

1.1.1 - Paradigma Construtivista

De acordo com o paradigma construtivista, a memória constitui-se como um sistema unitário, construído a partir da interpretação que se faz dos eventos vividos. Deste modo, a memória parte da construção feita a partir da compreensão de determinada experiência, ou do seu significado, com base em experiências prévias e não da experiência em si (Bransford e Franks, 1971; Harris, 1974; Brewer, 1977). Este paradigma originou duas teorias explicativas

da construção de FM, a Teoria Construtivista e a Teoria dos Esquemas. Por um lado, a Teoria Construtivista postula que uma informação nova é integrada em informações prévias, pelo que é passível de distorcer ou sobrepor-se à memória original e, assim, produzir uma falsa memória (Stein e col., 2010). De acordo com esta teoria, a interpretação de determinada experiência constitui-se a partir da união entre informações retiradas do acontecimento e interpretações decorrentes das mesmas, originando uma única memória (Loftus, 1995; Gallo e Roediger, 2003). Por outro lado, a Teoria dos Esquemas defende que a memória se constrói com base em esquemas mentais, enquanto representações mentais de conjuntos de conceitos gerais que permitem adaptar e compreender o significado de uma experiência (Bartlett, 1932; Pozo, 1998; Stein e col., 2010). As novas informações são classificadas e enquadradas num determinado esquema, sendo posteriormente armazenadas de acordo com experiências prévias relativas a essa situação (Chi e Glaser, 1992). Por este motivo, a construção de falsas memórias espontâneas seria explicada pelo próprio processo de interpretação do acontecimento, em que as inferências geradas a partir de informações retiradas de um evento, poderão, por si só, gerar distorções na leitura desse evento. As falsas memórias sugeridas seriam construídas a partir de informações que apesar de não estarem presentes aquando da codificação do acontecimento são consistentes com o seu esquema, gerando falsas recordações decorrentes de sugestões externas ao indivíduo (Paris e Carter, 1973).

De acordo com as teorias pertencentes ao Paradigma Construtivista, existe apenas um processo e uma estrutura responsável pela construção de memórias, independentemente de serem verdadeiras ou falsas: ambas são armazenadas numa mesma estrutura, sofrendo o mesmo processo de codificação e armazenamento (Huang, 2009). Esta assumpção constitui o principal alvo das críticas a estas teorias, que pressupõe que a memória de informações específicas de acontecimentos não existiria. Estudos desenvolvidos por Reyna e Kiernan (1994) demonstraram que quer informações literais de um acontecimento, quer informações criadas a partir de inferências, são passíveis de ser recuperadas separadamente, pelo que recordações inferenciais e literais estariam relacionadas com diferentes tipos de memória (Stein e col., 2010). A memória poderá ser construída de forma inferencial, mas nem sempre ocorre desse modo (Loftus, 1995).

1.1.2 - Teoria da Monitorização da Fonte

As pesquisas desenvolvidas por Marcia Johnson e colaboradores na década de 70, acerca da fiabilidade da memória para estímulos advindos de diferentes fontes sensoriais, serviram de base ao desenvolvimento de uma nova teoria explicativa do fenómeno das falsas memórias, a Teoria da Monitorização da Fonte. De acordo com esta teoria, as falsas memórias surgem quando pensamentos, sentimentos e imagens advindos de uma fonte são erradamente atribuídos a outra, isto é, quando se dão falhas na monitorização da fonte das memórias (Johnson e Ray, 1981). Apesar do processo de monitorização ser por vezes consciente,

processa-se, maioritariamente, de forma rápida e automática, pelo que existe maior probabilidade de que falsas memórias ocorram nestas situações, em que se realizam duas ou mais tarefas em simultâneo e o indivíduo se foca em aspectos diferentes das tarefas, impedindo uma identificação fiável da fonte de informação (Stein e col, 2010). A discriminação da fonte de informação recordada é também passível de interferência de sugestão externa, acidental ou deliberada, uma vez que, nestes casos, a recuperação precisa de informação está vinculada à incorporação de variadas fontes de informação passíveis de distorcer a memória da informação original (Johnson et al., 1993). Nos casos em que um evento acontece repetidamente torna-se particularmente difícil a distinção de fontes de informação específicas, já que detalhes (não familiares) podem ser esquecidos ou erradamente atribuídos a experiências reais (Johnson et al., 1993). No entanto, esta teoria partilha com o paradigma construtivista a crítica de que a memória não poderá ser concebida como um sistema unitário através de um único sistema de julgamento que depende, exclusivamente, da fonte de informação (Reyna e Lloyd, 1997). Por outro lado, segundo Brainerd e Reyna (2005), a monitorização da fonte é um processo de julgamento relacionado com apenas algumas características da informação e não uma distorção mnésica em si. Segundo esta teoria, aquando de julgamentos inferenciais, as falsas memórias seriam passíveis de diminuir, em função de um maior número de pistas (por exemplo, pistas semânticas de palavras). Contudo, Reyna (2000) afirma que quanto maior o número de pistas dadas (por exemplo, listas semanticamente relacionadas), maior a ocorrência de falsas memórias.

1.1.3 - Teoria do Traço Difuso

Na sequência de posturas oposicionistas às anteriores teorias, surgem abordagens contemporâneas centradas em pressupostos de múltiplos traços da memória. Reyna e Brainerd (1995) propõem uma das teorias que pretende responder às lacunas deixadas pelas anteriores, a Teoria do Traço Difuso. Segundo a Teoria do Traço Difuso, a memória é composta por dois sistemas independentes, nos quais o processamento de armazenamento e de recuperação de informação são dissociados: a memória literal e a memória de essência. A memória literal refere-se a aspectos específicos de um evento, a memória de essência diz respeito à compreensão (geral) do significado da experiência (Brainerd e Reyna, 1995), sendo mais estável ao longo do tempo que a memória literal (Brainerd e Reyna, 2005). Os traços de memória literal e de essência são processados de forma paralela e independente e armazenados dissociadamente (Reyna e Lloyd, 1997). Sendo a memória de essência mais resistente, a memória literal torna-se mais susceptível aos efeitos de interferências no processamento da informação e, portanto, à possibilidade de construção de falsas memórias (Stein e Neufeld, 2001). Uma vez que a desintegração gradual dos traços da memória literal pode levar ao esquecimento e à dissociação de aspectos de uma experiência, a estabilidade das representações de essência poderá contribuir para a persistência de falsas memórias

(Reyna e Totcomb, 1996), que estão maioritariamente indexadas à memória de essência (Stein e col. 2010). Brainerd, Reyna, Wright e Monjardin (2003) postulam que em situações de exposição a tarefas de recordação ou reconhecimento, após a recuperação de um traço de memória, processa-se um julgamento de veracidade do mesmo. Este julgamento conduziria à correcta recuperação de traços literais e induziria a rejeição da informação de essência. Contudo, em determinadas ocasiões, a informação literal pode também conduzir à recuperação de memórias de essência, nomeadamente se existir familiaridade entre informações, este processo ocorre através de uma avaliação de semelhanças (Stein e col., 2010).

A ocorrência de falsas memórias espontâneas seria explicada pela recordação, errónea, de algo concordante com a essência da experiência vivida, mas que na realidade não aconteceu, ou pela inacessibilidade ou perda de informação literal sobre o evento (Brainerd e Reyna, 2002). A sugestão, após o evento, de falsas informações literais pode produzir uma redução de memórias verdadeiras por um lado e, por outro, um aumento da construção de falsas memórias (Brainerd e Reyna, 1998), principalmente se as informações literais sugeridas se coadunarem com a memória de essência (Brainerd e Reyna, 2002; Stein e col., 2010). As falsas memórias sugeridas podem ainda ocorrer quando os traços de essência sugeridos são consistentes com o significado geral retirado do evento (Stein e col., 2010).

Segundo a Teoria do Traço Difuso, a habilidade para recordar informações literais e de essência aumenta a par com o desenvolvimento humano. As crianças apresentam maior dificuldade no processamento de traços de essência, que vai sendo esbatida com a aquisição de estratégias mnemónicas, levando a um incremento de processamento dos dois tipos de traços. Todavia existem estudos que apontam para a regressão na habilidade de recuperação de traços literais com o avançar da idade (Brainerd e Reyna, 1998).

A Teoria do Traço Difuso reuniu consistência em resultados experimentais, contudo surgiram também algumas críticas relativas aos seus pressupostos teóricos: dificuldade na avaliação de falsas memórias resultantes de processos mais abstractos e reflexivos explicados pelo carácter difuso do traço de essência; escassa exploração de erros subjacentes à confusão entre memórias literais de duas fontes de informação distintas; a própria divisão da memória em traços, uma vez que alguns estudos apontam para excepções: recuperação de detalhes literais por longos períodos de tempo e falsas recordações baseadas em detalhes literais da experiência (Lindsay e Johnson, 2000). Contudo, as excepções não explicadas por esta teoria também não o são pelo Paradigma Construtivista nem pela Teoria de Monitorização da Fonte (Stein e col., 2010), pelo que a literatura sugere que o fenómeno seja explicado pela Heurística da Distintividade, “tendência de recordar mais facilmente informações extraordinárias e rejeitar falsas memórias” (Schacter, Israel e Racine, 1999 cit in. Stein e col., 2010).

1.1.4 - Paradigma de Associados Convergentes (DRM)

O Paradigma de Associados convergentes - DRM, inicialmente proposto por Deese (1959) e posteriormente desenvolvido por Roediger e McDermott (1995), consiste no estudo de listas de palavras, cada uma delas associada a um item crítico, ou palavra-chave, que constitui o tema central da lista (Pinto, 2002). Após a apresentação da lista realiza-se uma tarefa de evocação livre ou reconhecimento, sendo que a maioria dos sujeitos aponta a palavra-chave como fazendo parte da lista original. A relação de associação entre as palavras da lista e a palavra-crítica é determinante na construção de falsas memórias (Roediger, Watson, McDermott e Gallo, 2001), quanto maior for a força associativa, maior será o número de erros cometidos (Gallo e Roediger, 2002).

A explicação da formação deste tipo de memórias falsas, segundo a Teoria da Activação-Monitorização, reside na ocorrência da activação automática do ítem crítico, originada pela acumulação da activação proveniente do processamento das palavras na lista (Carneiro e Albuquerque, 2010). Segundo a Teoria do Traço difuso, este processo ocorre através da extracção geral da informação, que é concordante com a palavra crítica (Carneiro e Albuquerque, 2010). O valor heurístico desse procedimento prende-se com o elevado controlo das variáveis envolvidas, da facilidade de aplicação e da robustez dos seus resultados (Cunha, Albuquerque e Freire, 2007). No entanto, apesar da facilidade de geração de memórias falsas de forma não intrusiva (Roediger e McDermott, 1995), este paradigma tem sido alvo de críticas relativas à dificuldade de simulação situações quotidianas.

1.1.5-Paradigma da Inflação pela Imaginação

O Paradigma da Inflação pela Imaginação, desenvolvido por Garry, Manning, Loftus e Sherman (1996), caracteriza-se pela análise da construção de falsas memórias para eventos que nunca ocorreram. O pedido aos participantes para que imaginem episódios de vida que nunca aconteceram constitui o factor comum aos procedimentos experimentais deste paradigma (Cunha et al., 2007), cujos resultados apontam no sentido de que a imaginação destes acontecimentos pode ser incluída pelo sujeito na memória do seu reportório de vida. O exercício imagético aumentaria a sensação de familiaridade face a esses acontecimentos, levando os sujeitos a acreditar que foram realmente vividos (Goff e Roediger, 1998). Johnson, Hashtroudi e Lindsay (1993) apontam uma teoria explicativa baseada na Teoria da Monitorização da Fonte, defendendo que quanto mais vívida é a imagem mental criada a partir da imaginação de determinado acontecimento, mais difícil será a distinção entre real e imaginado. Alguns estudos incluíram o factor plausibilidade como variável a ter em conta na criação de falsas memórias, cujos resultados indicam que quanto maior a plausibilidade do evento, maior a probabilidade de serem falsamente recordados (Pezdek, Finger e Hodge, 1997, cit in Rodrigues, 2008). Contudo, existem estudos que comprovam que a construção de memórias falsas poderá ocorrer sem que exista plausibilidade dos acontecimentos (Hyman,

Husband e Billings, 1995). A crítica mais comum a este paradigma reside na dificuldade de controlo rigoroso no que respeita à ocorrência, ou não, dos acontecimentos alvo na vida dos sujeitos (Cunha et al., 2007).

1.1.6-Paradigma da Desinformação

No seu trabalho seminal sob o tema “The malleability of memory”, Elisabeth Loftus abre uma nova área de estudo que persistiria por mais de 30 anos (Loftus, 1975; Loftus e Palmer, 1974 cit in. Ayers e Reder, 1998), cujos resultados defendiam que a exposição pós-evento a falsa informação pode alterar e distorcer a recordação desse evento. Estes resultados culminaram na proliferação de estudos com base no procedimento original utilizado por Loftus, Miller e Burns em 1978 (Ayers e Reder, 1998), cujo objectivo é a análise do impacto de falsa informação na modificação mnésica de acontecimentos ou estímulos observados. Nesse estudo, Loftus e colaboradores apresentaram um conjunto de diapositivos alusivos a um acidente de automóvel provocado pelo avanço inapropriado do condutor perante um sinal de stop. Na fase subsequente, durante o intervalo de retenção da informação, os participantes respondem a uma série de questões onde é sugerido que o condutor passou um sinal de cedência de passagem a metade dos participantes. Na prova de memória, os sujeitos alvo de falsa informação responderam maioritariamente de acordo com a sugestão (tendo afirmado que efectivamente tinham visto o sinal de cedência nos diapositivos), comparativamente aos outros sujeitos. Os resultados demonstraram aceitação da falsa informação e consequente construção de falsa memória. O método de estudo utilizado, posteriormente designado por Paradigma da Desinformação, é simples e ecológico (Ayers e Reder, 1998) e consiste em três etapas: 1. Fase de Estudo, onde se apresenta a informação a ser memorizada pelos participantes; 2. Intervalo de Retenção, em que se sugere a falsa informação; 3: Fase de Teste, onde se procede à avaliação da memória para o evento original (Stein e col., 2010).

Inicialmente, Loftus (1979, cit in Ayers e Reder, 1998) explica os resultados obtidos afirmando que a informação pós-evento se suplantava ou apagava a informação original, contudo, outros autores postulam que a informação original e a pós-evento coexistem embora se escolha a informação sugerida pelo efeito de recência, ou seja, por ser mais acessível durante o teste de memória (Bekerian e Bowers, 1983). Johnson, Hashtroudi e Lindsay (1993) explicam o efeito da informação pós-evento como sendo causada pela confusão na origem da fonte de informação. Durante o teste de memória, os sujeitos devem decidir onde apareceu um elemento concreto e, para isso, devem avaliar as características que ofereçam informação sobre a sua origem. A recuperação e avaliação das características da fonte de informação dependem do rigor do critério utilizado na tomada de decisão. Quando o critério é fraco e a quantidade de características recuperadas não atinge o limiar mínimo necessário, pode produzir-se um número elevado de erros. Segundo alguns autores, o grau de aquiescência à sugestão aumenta quando esta é introduzida em contextos de interacção social,

comparativamente aos contextos laboratoriais (Gabbert, Memon, Allan e Wright, 2004). A metodologia típica deste paradigma é a que mais se tenta aproximar às situações reais, assumindo-se como a que mais tem contribuído nos domínios da Psicologia do Testemunho (Qin, Quas, Redlich e Goodman, 1997 cit in. Rodrigues, 2008).

2 - Falsas Memórias em Crianças

Se por um lado as crianças, mesmo as mais novas, estão aptas a recordar quantidades significativas de informação acerca de um evento, por outro demonstram fragilidades mnésicas indexadas ao seu estado de desenvolvimento. Não existe ainda uma elucidação cabal acerca de como ocorre a produção de falsas memórias em crianças, contudo inúmeras têm sido as pesquisas na busca desse objectivo pelo que, apesar de pouco uniformes, existem já linhas orientadoras para a sua compreensão.

Bauer (2006) avaliou a memória episódica em crianças, entre os 13 e os 20 meses, com recurso a um procedimento designado por “imitação evocada de sequência de acções”. Embora as fases de teste do estudo tenham ocorrido até oito meses após a aplicação do procedimento, a autora obteve evidências de que as crianças recordavam eventos específicos, concluindo que mesmo na fase prévia à aquisição da linguagem demonstram capacidade de recordação episódica durante longos períodos de tempo, desde que avaliadas através de medidas não-verbais adequadas. Contudo, a literatura científica é consensual ao afirmar que as memórias construídas em fases muito precoces dificilmente permanecem acessíveis em períodos posteriores da infância e da vida adulta (Brown, Goldstein e Bjorklund, 2000).

A memória de essência, capacidade de extracção do significado de experiências, cresce a par com o desenvolvimento da criança (Brown, Goldstein e Bjorklund, 2000), pelo que a idade constitui um parâmetro importante a ter em conta no estudo das falsas memórias (Ornstein e Haden, 2002). Numa perspectiva sociolinguística, o desenvolvimento da linguagem proporciona uma nova estruturação mnésica e a capacidade de abstracção desenvolvida paralelamente à linguagem permite à criança dispensar objectos concretos para a posterior recordação de um evento (Nelson e Fivush, 2000). O desenvolvimento da linguagem, as experiências de vida prévias, a capacidade de compreensão e a efectividade das estratégias de recuperação utilizadas influenciam a qualidade e número das lembranças recuperadas (Pipe, Thierry e Lamb, 2007; Reyna, Mills, Estrada e Brainerd, 2007).

Apesar das memórias processadas e codificadas essencialmente através do sistema literal demonstrarem ser extremamente frágeis e sendo este o processamento típico da infância precoce (Brown et al., 2000), estudos longitudinais desenvolvidos com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos demonstram que estas são passíveis de recordar e relatar com precisão quantidades substanciais de informação sobre eventos, durante espaços temporais de 2 a 5 anos (Fivush, 2011; Fivush e Nelson, 2004). Esta capacidade infantil relativa à memória de eventos repercute-se quer para situações positivas ou

prazerosas (visita à Disneylândia), quer para situações negativas ou indutoras de stress (ser vítima de um assalto) (Brown, Schefflin e Hammond, 1998; Pezdek e Eddy, 2002). Sendo a memória susceptível aos efeitos da emoção, tanto em crianças como em adultos, observa-se uma predisposição global a recordarmos com maior facilidade eventos associados a alguma carga emocional (Kesinger, 2009).

O controlo da monitorização da fonte de informação aumenta também em função da idade, factor que justifica o facto das crianças demonstrarem dificuldades na distinção da fonte das suas memórias (Lindsay, 2002; Roberts e Blades, 2000 cit. in Carneiro e Fernandez, 2010). Esta dificuldade é particularmente aparente em situações que envolvem monitorização da realidade, discriminação entre acções desempenhadas por si e desempenhadas por terceiros (Foley et al., 1985, 1983, 1993 cit. in Carneiro e Fernandez, 2010) ou julgamentos acerca de fontes externas (Lindsay, Johnson e Kwon, 1991; Poole e Lindsay, 1995).

Em finais do século XIX, o súbito interesse no testemunho infantil em contexto forense despertou a atenção de alguns psicólogos europeus para o estudo da distorção mnésica com crianças. Os primeiros estudos (Binet, 1900; Stern, 1910) concluíam que as crianças distorciam as recordações de eventos através da sugestão do entrevistador e através da sua confusão entre fantasia e realidade. De Binet e Stern para a actualidade, registou-se uma proliferação de estudos nesta área na tentativa de compreender a etiologia das falsas memórias e quais as suas particularidades. De acordo com a maioria dos estudos, existe uma gradação crescente de memórias verdadeiras desde o nascimento até à idade adulta, a par com as alterações nos mecanismos cerebrais e as estratégias cognitivas fundamentais para a memorização (Gallo, 2006), o mesmo não se verifica relativamente às falsas memórias.

Estudos recentes defendem que à medida que a idade aumenta, a construção de falsas memórias aumenta também (Brainerd Reyna e Ceci, 2008; Stein et al., 2010). Segundo Brainerd, Reyna e Forrest (2002) as crianças pré-escolares apresentam menores índices de falsas memórias quando comparadas com crianças de idade escolar, o que pode ser explicado por dois factores: (1) a capacidade das crianças mais velhas em extrair o significado de essência dos acontecimentos, necessária à produção de falsas memórias (Brainerd et al, 2002), uma vez que os traços de essência de material com sentido se tornam mais fortes com a idade e que constituem a base dos falsos alarmes, e não de rejeições correctas (Neufeld, Brust e Silva, 2011); e (2) as crianças mais novas retiram um número superior de informações literais de um evento (Stain e col., 2010), que inibem a aceitação de informações antagónicas. Esta hipótese fundamenta-se na Teoria do Traço Difuso e, neste âmbito, Howe (2005) comparou o desempenho da memória em crianças de 5, 7 e 11 anos, concluindo que as crianças mais velhas (11 anos) recordaram mais informações verdadeiras e falsas comparativamente às crianças de 7 e 5 anos, confirmando este padrão de resultados.

Apesar de muitos estudos com base no Paradigma de Associados Convergentes terem obtido resultados que orientam no sentido do aumento das falsas memórias com a idade (Brainerd, Reyna e Forrest, 2002; Howe, 2005), estes têm sido alvo de numerosas críticas relativas aos materiais utilizados (Stein e col., 2010). Sabendo que as crianças mais novas

demonstram dificuldade em compreender o significado de essência, não seriam capazes de compreender o conjunto semântico das listas de palavras (produzindo menos erros de reconhecimento), pelo que este não parece ser um procedimento adequado às particularidades do estudo de falsas memórias com crianças. De forma a minimizar estas limitações, alguns autores procuraram adequar os materiais utilizados. Dewhurst, Pursglove e Lewis (2007) utilizaram uma versão alternativa às listas de palavras, transformando-as em pequenas histórias, com crianças de 5, 8 e 11 anos de idade. Como resultado, as crianças mais novas (5 anos) obtiveram um número superior de falsos reconhecimentos comparativamente às crianças mais velhas, demonstrando que quando a criança compreende o contexto (da história), é capaz de extrair o significado geral da situação vivenciada. Esta condição favorece o processamento da memória de essência, aumentando a possibilidade de produção de falsas memórias. Num outro estudo de evocação de palavras, cuja amostra era composta por crianças de 5 e 7 anos de idade e adultos, Ghetti, Quin e Goodman (2002) verificaram também que as de 5 anos obtiveram um número superior de evocações falsas que as crianças de 7 anos e os adultos.

A generalidade dos estudos enquadrados no Paradigma da Monitorização da Fonte apontam no sentido das falsas memórias tenderem a diminuir com a idade, tendência explicada pela dificuldade das crianças mais novas na monitorização da fonte das suas informações e consequente vulnerabilidade à distorção mnésica pela sugestão (Ackil e Zaragoza, 1995; Harris, Brown, Marriott, Whittall e Harmer, 1991; Lindsay et al., 1991). A proliferação de estudos com base neste paradigma culminou em relevantes contribuições, entre as quais: (1) o armazenamento de informação em dois sistemas, perceptivo e semântico. Sendo que o perceptivo engloba os conteúdos dos processos de percepção e o semântico abrange informações na esfera da imaginação, da reflexão, do pensamento ou formulação de hipóteses; e (2) as diferenças na capacidade de monitorização da fonte, entre crianças mais novas e mais velhas, apenas são significativas quando as fontes a diferenciar possuem características perceptivas e semânticas semelhantes ou quando a pessoa envolvida nas fontes a diferenciar é a mesma (Ceci e Bruck, 1993; Lindsay et al., 1991 cit in. Cunha et al., 2007).

Ceci, Ross e Toglia (1987) foram pioneiros na aplicação do Paradigma da Desinformação ao estudo das falsas memórias em crianças, tendo obtido o mesmo padrão de resultados. O estudo foi conduzido com uma amostra de 182 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 12 anos, às quais era lida uma história acompanhada por 8 imagens. Um dia após a leitura da história foram introduzidas falsas informações relativas à mesma a metade das crianças. Para testar o efeito da informação sugerida, dois dias depois os autores pediram às crianças que seleccionassem duas imagens que tivessem acompanhado a história entre as quatro que eram apresentadas. Os resultados indicaram que as crianças em idade pré-escolar escolhiam mais frequentemente as imagens correspondentes à falsa informação sugerida.

Ainda num outro estudo levado a cabo por Ceci, Loftus, Leichman e Bruck (1994), neste caso sob orientação do Paradigma da Inflação pela Imaginação, crianças com idades entre os 3 e os 6 anos foram expostas continuamente a um conjunto de episódios autobiográficos, verdadeiros e falsos, com o intuito de criarem imagens mentais acerca dos mesmos. Os resultados concluíram que quanto mais novas eram as crianças, maior era a sua tendência de aceitação de episódios falsos. Como referido inicialmente, os resultados dos estudos são incongruentes, o que poderá ser explicado pela falta de padronização metodológica (Barbosa, Ávila, Feix e Grassi-Oliveira, 2010), em relação às faixas etárias estudadas, aos materiais utilizados, ao método de avaliação da memória ou ao momento em que este ocorre (Neufeld, Brust e Silva, 2011). Tendo em conta que a presente investigação se centra essencialmente na compreensão de falsas memórias exógenas, provenientes de uma fonte externa, abordar-se-á o fenómeno da sugestionabilidade.

2.1 - Sugestionabilidade em Crianças

Apesar das falsas memórias poderem ocorrer de forma espontânea, surge frequentemente em contexto forense um dos fenómenos mais comprometedores da precisão da memória: a sugestionabilidade (Holliday, Brainerd e Reyna, 2011). A sugestionabilidade da memória infantil é um dos factores com maior impacto relativamente ao testemunho das crianças, constituindo um ponto crítico no debate acerca da sua credibilidade (Chae e Ceci, 2005).

O conceito de sugestionabilidade traduz-se na tendência de cada indivíduo para responder à sugestão (Gudjonsson, 2003), na tendência para incorporar informações distorcidas às suas recordações pessoais (Schacter, 1999). Estas informações, provenientes de fontes externas, podem ser apresentadas acidentalmente ou de forma intencional. De modo mais abrangente, Ceci e Bruck (1995) definem a sugestionabilidade como o grau em que a codificação, o armazenamento, a recuperação e o relato de um acontecimento podem ser influenciados por uma série de factores cognitivos e sociais. Neste sentido, a sugestionabilidade interrogativa é entendida como o grau em que, no contexto de uma interacção social próxima, se aceitam mensagens comunicadas através de um questionamento formal (sugestões), que conseqüentemente provocam alterações nos relatos (Gudjonsson, 2003).

Foi Alfred Binet, em 1900, o primeiro autor a investigar os efeitos da sugestionabilidade em crianças. Defendendo a existência de factores internos e externos na explicação da sugestionabilidade, desenvolveu diversos estudos (indexados a ambos os factores) com crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos de idade. Num dos estudos desenvolvidos, um grupo de crianças tinha como tarefa a observação de alguns objectos durante 10 segundos, sendo posteriormente questionados acerca dos objectos que tinham visto. O grupo original foi dividido em quatro grupos experimentais diferentes: um

primeiro, ao qual se pedia uma descrição de tudo o que tinha sido visto; um segundo, ao qual se faziam perguntas directas; um terceiro, questionado com perguntas pouco sugestivas e um quarto grupo, alvo de perguntas altamente sugestivas. Os resultados demonstraram que o número de erros cometidos pelo grupo submetido a questões muito sugestivas foi substancialmente superior, comparativamente aos restantes grupos, donde se conclui um impacto significativo da informação sugestiva nas respostas das crianças (Binet, 1900). Os erros nos relatos das crianças, segundo Binet (1900), inicialmente traduzem desejabilidade social face ao entrevistador, podendo posteriormente ocorrer uma alteração efectiva da memória.

Os estudos desenvolvidos por Binet culminaram em três contributos fundamentais para a orientação e fundamentação do estudo da sugestionabilidade: (1) procedeu à distinção entre erros decorrentes de uma alteração efectiva da memória e erros que não se devem à incorporação da sugestão externa (como a auto-sugestão ou a desejabilidade social); (2) indagou acerca da alteração do traço de memória original e da possibilidade desse traço coexistir com informações falsas sugeridas; e (3) concluiu que nem sempre o grau de segurança demonstrado pelas respostas das crianças, é tradutor de um relato fidedigno (Ceci e Bruck, 1993).

Apesar dos válidos contributos de Binet, William Stern é apontado como o precursor do desenvolvimento de uma perspectiva aplicada e com maior validade ecológica no que concerne ao estudo da sugestionabilidade em crianças. Em 1909, Stern lança uma das primeiras obras especificamente dedicadas ao testemunho infantil (*Recollection, Testimony and Lying in Early Childhood*), preconizando que a sugestionabilidade pode decorrer quer de mecanismos cognitivos, quer de mecanismos sociais e constatando que a recordação livre origina menos distorções mnésicas comparativamente a respostas dadas a perguntas fechadas (Ceci e Bruck, 1999). Na tentativa de aproximar as experiências a situações reais, recorrendo a episódios encenados por personagens escolhidas para o efeito, os estudos de Stern assumiram-se como inovadores e ultrapassaram as limitações dos estudos pioneiros, que se serviam apenas de estímulos estáticos e distanciados de situações quotidianas (Davies, Flin e Baxter, 1986).

Varendonck, após o seu envolvimento como perito na avaliação do testemunho de crianças num caso de homicídio, questiona-se acerca da fidedignidade dos testemunhos infantis e alerta para o facto de estas terem sido alvo de interrogatórios repetidos e de terem sido sujeitas a perguntas extremamente sugestivas (Cunha et al., 2007). Na sequência do ocorrido, em 1911, o autor desenvolve um estudo em que pedia a algumas crianças que descrevessem a pessoa que se tinha aproximado delas na escola nessa manhã, sendo a pessoa e o episódio irreais. Como resultado, uma percentagem significativa de crianças incluiu informações literais nas suas respostas, tais como o nome da pessoa ou a cor das roupas que usava (Cunha et al., 2007).

É ainda de referir o primeiro português a avaliar a sugestionabilidade da memória infantil. Sílvio Lima, aquando da sua tese de doutoramento, apresentada à Universidade de

Coimbra, em 1928, propõe-se a estudar a “*Influência da sugestão sobre o processo reconitivo*” (Pinto, 1993; Pinto, 2002). Designada por “*Test dos Postais*”, a sua experiência consistiu na apresentação de um postal colorido (com uma cena rural) a 7 rapazes de 9-10 anos a frequentar uma escola primária de Genebra. A imagem era observada durante 45 segundos, solicitando às crianças que a registassem de forma espontânea e por escrito. Seguidamente, procedeu a uma entrevista, onde incluiu referências sugestivas a outros postais semelhantes, e a uma prova de reconhecimento. As provas foram repetidas 2 dias e 3 dias após, pelo que no total as crianças realizaram 3 descrições, 3 interrogatórios e 3 reconhecimentos. Após a terceira sessão, os resultados dos interrogatórios e das descrições espontâneas, revelaram uma deformação quase total da informação do postal, bem como a inclusão de elementos não existentes. O autor concluiu que as crianças são sensíveis à força da sugestão, ignorando contudo o facto de todas as crianças terem reconhecido correctamente o postal alvo entre 4 postais diferentes.

Os resultados dos primeiros estudos desenvolvidos defendem, de forma convergente, a elevada sugestionabilidade das crianças, considerando o seu testemunho como particularmente sensível às distorções mnésicas (Ackil e Zaragoza, 1995; Ceci e Bruck, 1993; Poole e White, 1993). No entanto, a consciencialização das suas limitações metodológicas reorientou a investigação contemporânea acerca da sugestionabilidade infantil e os resultados dos estudos recentes não são consensuais no que diz respeito à relação entre grau de sugestionabilidade e idade cronológica.

A memória de crianças entre os 3 e os 6 anos foi analisada por Ornstein, Gordon e Larus (1992), após terem sido submetidas a um exame pediátrico. As crianças foram avaliadas imediatamente após o exame e posteriormente divididas em dois grupos: um em que a segunda fase de teste se deu uma semana depois e outro em que esta decorreu apenas três semanas depois. Durante as sessões de avaliação pediu-se às crianças que relatassem tudo o que se lembrassem, tendo os autores adicionado à recordação livre perguntas neutras e sugestivas. Na sessão de teste imediata e na sessão com uma semana de intervalo, as crianças de 3 anos obtiveram pior desempenho nas respostas às questões sugestivas que as crianças de 6 anos.

Roebbers, Gelhaar e Schneider (2004) testaram a memória e a sugestionabilidade de 270 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos, tendo verificado que as crianças mais novas obtinham um desempenho inferior em provas de evocação e um grau superior de aceitação de falsas informações introduzidas. A vulnerabilidade das crianças mais novas aos efeitos da sugestionabilidade foi associada a três factores (Saywitz e Lyon, 2002): (1) dificuldade em tarefas de recordação livre de um acontecimento sem que haja estímulos ou se cedam pistas; (2) deferência, traduzida no respeito e tendência à submissão da vontade dos adultos; e (3) dificuldade na monitorização da fonte de informação recordada. A ideia de que as crianças em idade pré-escolar são mais sugestionáveis tem sido defendido por vários autores, no entanto a maioria dos estudos conclui que os níveis de sugestionabilidade são também bastante elevados em crianças de idade escolar (Bruck e Ceci, 2004) e que todos os

grupos etários, incluindo os adultos, são susceptíveis aos efeitos de técnicas sugestivas (Ceci e Friedman, 2000).

A sugestionabilidade de crianças de 4/5 anos e 7/8 anos face a um evento encenado não obteve diferenças significativas num estudo desenvolvido por Finnälä, Mahlberga, Santtilaa, Sandnabba e Niemi (2003). Os estudos desenvolvidos por Goodman e Reed (1986) demonstraram que aquando de recordações que envolvem aspectos centrais e salientes de uma situação, as crianças não se mostraram mais sugestionáveis que os adultos. Alguns estudos defendem ainda que apesar da sugestionabilidade no que respeita à vulnerabilidade perante situações de pressão interrogativa (submissão) diminuir com a idade - entre os 3 e os 6 anos, a tendência a alterar respostas após feedback negativo (mudança) aumenta (Danielsdottir Sigurgeirsdottir, Einarsdottir e Haraldsson, 1993; Finnälä et al., 2003; Hünefeld, Lucidi, Furia e Rossi-Arnaud, 2008; Scullin e Ceci, 2001).

Contudo, e apesar da maioria dos estudos apontar as crianças mais novas como mais sugestionáveis, existem evidências de que estas podem ser testemunhas fiáveis. A sugestionabilidade não poderá ser encarada como um fenómeno dependente, apenas, da idade cronológica dos indivíduos. Os estudos desenvolvidos nas últimas duas décadas de investigação neste âmbito identificam, com segurança, os factores primários que influenciam a sugestionabilidade infantil, classificando-os em duas categorias: factores relacionados com as características individuais das crianças e factores relacionados com o contexto de entrevista (Ceci, Bruck e Battin, 2000; Melnyk, Crossman e Scullin, 2007).

2.1.1 - Factores Individuais

A variabilidade individual no funcionamento cognitivo e psicossocial é de suma importância na perspetivação do estudo da sugestionabilidade (Binet, 1900; Bruck e Melnyk, 2004; Chae e Ceci, 2005; Lipmann, 1911; Salmon e Pipe, 2000; Stern, 1910; Varendonck, 1911). Apesar de não existir um “perfil” da criança altamente sugestionável (Bruck e Melnyk, 2004), é possível identificar alguns factores individuais relacionados com a sugestionabilidade da memória das crianças.

A relação entre competências cognitivas e o grau de vulnerabilidade à sugestão não tem tido resultados homogéneos nos diversos estudos. Existem evidências de que a inteligência verbal está inversamente relacionada com a sugestionabilidade em crianças pré-escolares, sendo que esta capacidade tem um valor preditivo superior à inteligência não-verbal no domínio da sugestionabilidade infantil (Chae e Ceci, 2005). Todavia, os estudos que contemplam grupos de crianças com inteligência normativa reportam correlações negativas significativas entre sugestionabilidade e inteligência (Bruck, Ceci, Francoeur e Renick, 1995; Eisen, Morgan e Mickes, 2002; Henry e Gudjonsson, 1999, 2003, 2004, 2007; London e Bruck, 2004 in Bruck e Melnyk, 2004; Powers, Andriks e Loftus, 1979; Scullin, Kanaya e Ceci, 2002). De facto, da maioria dos estudos presentes na literatura pode concluir-se que: (1) crianças com défice cognitivo (verbal ou não verbal) evidenciam maior sugestionabilidade; e (2) as

diferenças relativas no grau de vulnerabilidade entre crianças com déficit cognitivo e crianças pertencentes ao grupo normativo, manifestam-se de forma mais notória aquando da utilização de perguntas sugestivas de tipo fechado (contrariamente aos resultados obtidos com a utilização de perguntas sugestivas abertas e com o efeito do *feedback* negativo) (Henry e Gudjonsson, 1999, 2003, 2004; Michel, Gordon, Ornstein e Simpson, 2000; Pear e Wyatt, 1914, cit in. Young, Powell e Dudgeon, 2003).

Algumas investigações apontam para correlações significativas entre competências de inteligência verbal nas crianças pré-escolares (Chae e Ceci, 2005; Melinder Scullin, Gunnerød e Nyborg, 2005) e entre sugestionabilidade e competências de realização nas crianças mais velhas (Bruck e Melnyk, 2004; Henry e Gudjonsson, 2007). É ainda de salientar que, em contextos de desinformação e no que concerne ao nível vocabular das crianças, parece haver um efeito mediador significativo do nível de expressão e compreensão no nível de sugestionabilidade das crianças (Clarke-Stewart, Malloy e Alhusen, 2004; McFarlane, Powell e Dudgeon, 2002; Roebbers e Schneider, 2004 in Bruck e Melnyk, 2004; Young et al., 2003).

O autoconceito foi também alvo de investigações acerca do seu impacto na sugestionabilidade da memória, existindo suporte empírico de que os níveis das duas variáveis são inversamente proporcionais: quanto mais positiva for a avaliação que a criança faz de si própria, menor a sua susceptibilidade à sugestão (Chae e Ceci, 2005; Vrij e Bush, 2000). Pelo que se espera que as crianças com autoconceito positivo sejam mais resistentes aos efeitos de pressão social a que estão eventualmente sujeitas no contexto de entrevista (Stain e col., 2010).

As atitudes e comportamentos parentais poderão condicionar a exploração e a condução de discussões acerca de experiências de vida por parte das crianças (Bowlby, 1958, Goodman e Quas, 1996 cit in Schaaf et al., 2008) e, deste modo, o seu processamento de eventos emocionais (Alexander, Quas e Goodman, 2002 in Schaaf, Alexander e Goodman, 2008). Esta premissa fez despertar o interesse de alguns investigadores para a avaliação de correlação entre a vinculação parental e a sugestionabilidade. Os resultados obtidos indicam que o estilo de vinculação insegura está associado ao aumento da sugestionabilidade infantil em situações potenciadoras de stress (Chae e Cessi, 2006). Outros estudos apontam ainda as crianças tímidas, com menor capacidade de adaptação (Endres, Poggpohl e Erben, 1999) e menos estratégias de coping como mais sugestionáveis (Pipe e Salmon, 2002). Níveis superiores de recordação têm sido associados a um maior autocontrolo e confiança face a situações indutoras de stress (Stain e col., 2010). Relativamente ao género, apenas um número reduzido de estudos encontrou diferenças significativas, cujos resultados apontam em direcções opostas, pelo que esta variável não parece determinar a vulnerabilidade à sugestão (Stain e col., 2010).

2.1.2 - Factores Relacionados com a Entrevista

A qualidade da memória não é apenas o resultado directo do processamento cognitivo, pelo que não poderá ser encarada de forma desenraizada do contexto em que é requerido ao sujeito que recorde um determinado acontecimento. Neste sentido, importa realçar como factores determinantes da qualidade do relato a forma como a criança é entrevistada, o ambiente em que ocorre ou o número de entrevistas realizadas.

Ceci, Bruck e Battin (2000) apontam três formas passíveis de sugerir um padrão de respostas nas crianças aquando de uma entrevista:

- a) O tipo de questões utilizadas, como por exemplo as perguntas fechadas ou sugestivas e a repetição de questões ou entrevistas;
- b) O ambiente emocional em torno da entrevista, como a indução de estereótipos, a pressão de resposta exercida, entre outros. A sugestão pode ocorrer de forma subtil e indirecta, num tom neutro ou acusatório;
- c) A utilização de recursos específicos, como a utilização de bonecos anatómicos, que com o objectivo de facilitar a recordação poderão fomentar distorções mnésicas.

Apesar do objectivo primordial de uma entrevista ser o de recolher informação, entrevistar constitui também, inevitavelmente, um fluxo de informação reverso - do entrevistador para o entrevistado (Sala e Falcon, 2001). A formulação de uma pergunta transfere informações acerca do que o entrevistador já sabe e do que lhe falta saber e a forma como o entrevistador reage às respostas demonstra se recebeu a resposta esperada ou informação nova. Deste modo, a entrevista pode ser considerada como um processo de aprendizagem para o entrevistado, pelo que é de suma importância que se tenham em conta processos de influência mútua (Sala e Falcon, 2001).

2.1.3 - Viés do Entrevistador

O viés confirmatório do entrevistador é caracterizado por entrevistas em que este possui convicções prévias acerca da ocorrência de determinados eventos e molda a entrevista de forma a produzir declarações consistentes com as mesmas (Ceci e Bruck, 1995). Para Nickerson (1998), o viés confirmatório denota a procura ou interpretação de evidências parciais compatíveis com as hipóteses e expectativas do entrevistador. Este processo opera automaticamente (Loftus, Feldman e Dashiell, 1995) e pode ser observado em comportamentos subtis como um sorriso, a entoação de uma pergunta ou um movimento da cabeça (Ceci e Bruck, 1995).

Num estudo levado a cabo por Ceci, Leichtman e White (1999), crianças de idade pré-escolar participaram num jogo, sendo entrevistadas um mês depois por um técnico de serviço social treinado para o efeito. Num momento prévio à entrevista, foi cedido um relatório do acontecimento, com informações correctas e incorrectas, ao entrevistador. Sem que este tivesse conhecimento acerca da inexactidão de algumas informações, foi-lhe pedido que conduzisse as entrevistas às crianças de forma a determinar a sua memória sobre toques e contactos físicos ocorridos no evento. Os resultados demonstraram que as informações fornecidas influenciaram a convicção inicial do entrevistador e, conseqüentemente, a dinâmica da entrevista. Quando o entrevistador recebeu informações verídicas, 93% dos acontecimentos foram correctamente relatados pelas crianças. Contudo, quando lhe foram cedidas informações falaciosas, 34% das crianças mais novas (3 e 4 anos) e 18% das crianças mais velhas (5 e 6 anos) confirmaram falsos acontecimentos que o técnico de serviço social acreditava terem ocorrido.

2.1.4 - Tom Emocional da Entrevista

Com base em evidências científicas, Davis e Bottoms (2002) destacam que a capacidade das crianças em resistir a perguntas sugestivas e em aceitar informações falaciosas aumenta quando recebem um suporte social adequado por parte do entrevistador. Pelo contrário, situações de elevada pressão emocional, aumentam os níveis de stress da criança e comprometem a qualidade do seu relato (Quas, Malloy, Melinder, Goodman, D’Mello e Schaaf, 2007). O entrevistador deverá promover uma forma de comunicação segura e geradora de bem-estar (Davis e Bottoms, 2002), evitando o reforço positivo, a exposição das suas crenças através do uso (implícito ou explícito) de ameaças, subornos ou recompensas e o aumento de desigualdade entre si e a criança (Ceci, Bruck e Battin, 2000). Quando o entrevistador adopta uma postura distante, pautada por uma atitude de confronto, causa uma maior pressão social e desigualdade face ao entrevistado, o que, conseqüentemente, inflaciona os seus níveis de sugestibilidade (Bain e Baxter, 2000; Bain, Baxter e Fellowes, 2004; Gudjonsson, 2003; Finnila et al., 2003).

Um estudo orientado por Goodman (Goodman, Hirschman, Hepps e Rudy, 1991) demonstrou os benefícios da utilização de estratégias promotoras de um ambiente securizante na recordação de um evento stressante. Crianças, de 4 e 7 anos de idade, foram questionadas acerca de uma consulta médica em que receberam uma injeção. Metade das crianças foi entrevistada num ambiente encorajador, em que lhes era fornecido sumo e biscoitos e a entrevistadora era afectuosa, simpática e as elogiava (“Estás a fazer um óptimo trabalho!”, “Tens mesmo boa memória!”). As restantes crianças foram entrevistadas por um entrevistador distante e não receberam sumo ou biscoitos na fase prévia à entrevista. Comparando os resultados dos dois grupos, concluiu-se que as crianças da condição “encorajadora”, quando solicitadas a descrever por palavras suas o que tinha acontecido durante a consulta, fizeram menos declarações incorrectas. Verificou-se ainda que as

respostas inexactas tenderam a diminuir face a questões sugestivas. Os resultados do referido estudo conduziram a recomendações de que fosse criado um ambiente encorajador e o estabelecimento de um bom *rapport* com a criança em contexto de entrevista forense.

2.1.5 - Status do Entrevistador

A percepção de credibilidade e autoridade do entrevistador, por parte das crianças, parece influenciar a sua vulnerabilidade à sugestão. As crianças parecem ser sensíveis ao poder do entrevistador, sendo provável a sua concordância com a sua orientação implícita ou explícita (Stain e col., 2010). Os investigadores do início do século XX coincidem na assunção de que as crianças parecem ser menos sensíveis a influências sugestivas por parte dos seus pares do que à dos adultos (Ackerman, 1983; Ceci, Ross e Toglia, 1987). A presença de entrevistadores distintos em entrevistas relativas a um mesmo acontecimento, parece ter como efeito a distorção mnésica (Bjorklund, Cassel, Bjorklund, Brown, Park, Ernst e Owen, 2000).

Tobey e Goodman (1992) desenvolveram um estudo com crianças de idade pré-escolar, às quais solicitaram que jogassem um jogo com uma das investigadoras, apresentada como “baby-sitter”. As crianças foram entrevistadas onze dias após o evento, tendo sido divididas em dois grupos. Um grupo foi entrevistado por um entrevistador neutro e o outro por um polícia que afirmava estar bastante preocupado com a possibilidade de algo de mau ter acontecido quando brincaram com a “baby-sitter”. O estudo verificou que no grupo entrevistado pelo polícia as declarações foram menos fidedignas e incluíram informações falsas sugeridas por este. A utilização frequente de expressões de reforço como “não tenhas medo de dizer o que aconteceu”, “vais-te sentir melhor se contares” ou “és muito corajoso se me disseres” supõe implicitamente que algo aconteceu e deverá ser dito, conduzindo as crianças a confirmar e a fornecer informações falaciosas (Goodman, Wilson, Hazan e Reed, 1989; Stein e col., 2010).

Após uma revisão de literatura, Bull e Corran (2002) depreendem que o desejo das crianças de obedecer e ser útil poderá suplantar-se à intenção de declarar apenas os factos de que realmente se recordam, o que as leva a preencher os detalhes esquecidos. Não parece haver efeito do status do entrevistador para questões neutras e abertas (Bull e Corran, 2002; Ceci e Bruck, 1993). O estilo autoritário para perguntas fechadas e sugestivas produz um maior número de respostas incorrectas que o estilo não autoritário, donde se conclui que, em algumas circunstâncias, o status do entrevistador pode contaminar o testemunho infantil (Bull e Corran, 2002).

2.1.6 - Indução de Estereótipos

A indução subtil de estereótipos, transmissão de ideias sobre pessoas ou acontecimentos previamente à entrevista, constitui uma das formas com maior impacto na

sugestionabilidade infantil (Ceci, Bruck e Battin, 2000; Ceci, Crossman, Scullin, Gilstrap e Huffman, 2002). Apesar de ser uma técnica bastante utilizada para favorecer o “disclosure” de crianças tímidas ou com medo de relatar detalhes sobre o evento testemunhado (por exemplo, em casos de abuso sexual), a sua utilização, particularmente em casos de parcialidade do entrevistador, poderá comprometer a exactidão das declarações (Ceci e Bruck, 1995). A utilização da indução de estereótipos é um reflexo do viés do entrevistador e é também justificada pela necessidade de promover um ambiente acolhedor e encorajador para a criança (Ceci e Bruck, 1995). A literatura científica aponta consensualmente para o facto da indução de estereótipos poder afectar negativamente a exactidão dos relatos das crianças, que podem integrar os estereótipos nos seus relatos (Ceci e Bruck, 1995).

Num estudo realizado por Leitchman e Ceci (1995) acerca da indução de estereótipos com recurso à repetição de questões sugestivas, um estranho visitou crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, durante dois minutos enquanto estavam na escola. Metade das crianças foi informada de que o estranho era um sujeito gentil embora desastrado (grupo experimental), a outra metade (grupo de controlo) não recebeu qualquer informação prévia. As crianças foram entrevistadas várias vezes com intervalos de tempo distintos e após um período de recordação livre o entrevistador introduzia questões sobre factos que não tinham ocorrido durante a visita (por exemplo, “O Sam arrancou páginas do livro e puxou o braço do ursinho de peluche”). Os resultados demonstraram que no grupo de controlo não se verificaram declarações falsas em resposta à questão de recordação livre, relativamente às questões sugestivas apenas 10% das crianças mais novas (3 e 4 anos) aderiram à sugestão e nenhuma criança com 5 e 6 anos aceitou informação falsa. Inversamente, no grupo experimental, 46% das crianças mais novas e 30% das crianças mais velhas reportaram, detalhadamente, eventos não ocorridos na questão de recordação livre e 72% das crianças mais novas aderiu à sugestão induzida pelas perguntas sugestivas. Surpreendentemente, estes relatos para além de incluírem um elevado número de detalhes perceptivos falsos, foram também acompanhados de gestos ilustrativos das histórias relatadas.

Após a análise de vários estudos desenvolvidos com o intuito de verificar o impacto da utilização de estereótipos em entrevistas com crianças, Bruck e Ceci (1997), concluem que: 1. Todos os resultados são congruentes com o efeito negativo da indução de estereótipos com entrevista sugestiva; 2. Os efeitos negativos são patentes independentemente da indução de estereótipos ocorrer antes ou após um evento; 3. Os efeitos manifestam-se independentemente do número de entrevistas a que as crianças são sujeitas; 4. As condições experimentais desenhadas têm análogos forenses, as crianças podem incorporar estereótipos transferidos por entrevistadores, familiares, professores ou com base em estereótipos adquiridos por si.

2.1.7 - Repetição de Entrevistas

Tendo em conta que a consolidação da memória é facilitada quando a primeira recordação se dá logo após o evento e que a repetição da recordação dos seus detalhes é de suma importância para a validade de um testemunho, a repetição de entrevistas poderá constituir uma forma de prevenção do esquecimento (Bruck e Ceci, 1997). A repetição de entrevistas com crianças tem sido associada a efeitos benéficos na recordação de novos detalhes e no fornecimento de informações adicionais à descrição original, especialmente quando são solicitadas recordações livres (Brainerd, Reyna e Brandse, 1995; Warren e Lane, 1995). Contudo, e tendo em conta que o afastamento temporal de determinado acontecimento poderá enfraquecer o traço da memória original, tornando-a mais susceptível a sofrer efeitos de falsas informações, a repetição de entrevistas está também associada a efeitos nocivos (White, Leichtman e Ceci, 1997).

Num estudo desenvolvido por Bruck, Francoeur e Barr (1995), um grupo de crianças (com 5 anos de idade) alvo de uma consulta de pediatria foi repetidamente entrevistado. Durante a consulta, um pediatra (sexo masculino) procedeu a um exame físico e à administração de duas vacinas (oral e injectável). Seguidamente, uma assistente de investigação (sexo feminino) conversou com as crianças acerca de um cartaz exposto na parede, leu uma história e pisou-as. As crianças foram entrevistadas quatro vezes, um ano após o acontecimento e aproximadamente durante um mês. As crianças foram divididas em dois grupos, sendo que metade das crianças, durante as três primeiras entrevistas, eram falsamente recordadas que o pediatra lhes mostrou o cartaz, as pisou e lhes leu uma história e que a assistente lhes deu as vacinas. A outra metade, grupo controlo, não recebeu qualquer tipo informação. Os resultados, retirados das respostas dadas à quarta entrevista, demonstraram que o grupo de controlo produziu relatos altamente precisos e detalhados. O grupo experimental não só integrou as sugestões erróneas no seu discurso, como 38% incluiu eventos inexactos, não sugeridos, mas inferencialmente consistentes com a falsa sugestão. É ainda de salientar, que nenhuma das crianças pertencentes ao grupo de controlo fez inferências falsas. Da análise dos resultados, os autores concluíram que: 1. Entrevistas sugestivas múltiplas podem ter efeitos negativos, não apenas pelo tipo e quantidade, mas também porque cada entrevista adicional aumenta o espaço temporal entre o evento original e a declaração da criança; 2. O efeito de informações falsas é menos danoso em entrevistas levadas a cabo logo após o evento, comparativamente a entrevistas com um tempo de latência superior face ao acontecimento; 3. A primeira entrevista é a que obtém taxas mais elevadas de precisão testemunhal; 4. O aumento do tempo decorrido entre o evento original e a entrevista é directamente proporcional ao risco de reportação de erros; 5. Uma entrevista inicial neutra parece reforçar os traços da memória original e, conseqüentemente, reduzir a ocorrência de alterações de declarações produzidas face a entrevistas sugestivas posteriores.

2.1.8 - Repetição de Questões

A repetição de questões dentro de uma entrevista é também um factor relacionado com a contaminação de declarações infantis. Num contexto natural de conversação, a repetição de perguntas constitui uma forma específica de *feedback* negativo que alerta a pessoa a quem se dirige de que deverá melhorar a sua resposta (Sala e Falcon, 2001). O *feedback* negativo também pode ser dado de forma explícita, através da verbalização de que parte da declaração é improvável ou inaceitável e que, por conseguinte, deverá ser alterada (Endres et. al, 1999). Tal como a repetição de entrevistas, a repetição de questões pode reforçar a memória de um acontecimento (Poole e White, 1991; Poole e Lamb, 1998), aumentar a quantidade de detalhes relatados ou verificar a consistência das declarações da criança (Ceci e Bruck, 1999). Contudo, a repetição de questões pode ser também sinal de enviesamento do entrevistador e pode conduzir à alteração de resposta por parte da criança (Fivulsh e Schwarzmüller, 1995).

Poole e White (1991) avaliaram os efeitos gerados pela repetição de perguntas com uma amostra de adultos e crianças (4, 6 e 8 anos) testemunhas de um evento ambíguo. Metade dos participantes foi entrevistado imediatamente após o evento e uma semana depois, a outra metade foi entrevistada apenas uma vez (passado uma semana), sendo que em todas as sessões de teste as questões foram repetidas três vezes. Os resultados indicam que a repetição de perguntas abertas não conduz a alterações significativas, contrariamente à repetição de perguntas fechadas do tipo “sim/não”. As crianças de 4 anos constituíram o grupo com maior taxa de alteração de respostas. O grupo de crianças respondeu com base em especulações aquando de perguntas específicas acerca de detalhes para os quais não tinham qualquer tipo de informação. Tanto as crianças como os adultos forneceram, progressivamente, menos detalhes e aumentaram os seus níveis de confiança nas declarações prestadas. Estes últimos dados demonstram que as crianças cooperam frequentemente a adivinhar respostas e que, após várias repetições, a incerteza face às mesmas desaparece. Vários autores defendem que a repetição de questões tende a aumentar, por si só, as distorções dos relatos das crianças (Brady, Poole, Warren e Jones, 1999; Bruck e Ceci, 2004; Ceci e Bruck, 1995; Garven, Wood e Malpass, 2000; Poole e White, 1991, 1995).

2.1.9 - Questões Abertas Vs Questões Fechadas

As perguntas que estimulam a recordação livre da criança são denominadas por abertas, gerais ou exploratórias (Lyon, 2002). As perguntas fechadas, do tipo “sim/não” ou escolha forçada são questões de reconhecimento, pelo que não encorajam a descrição narrativa (Lyon, 2002). Apesar da maioria das crianças mais novas não fornecerem muita informação através da utilização de perguntas abertas (Lamb, Sternberg, Orbach e Esplin,

2003; Peterson e Bell, 1996), o recurso a questões fechadas pode originar distorções na resposta das crianças (Howie e col., 2004; Poole e White, 1993).

Um grupo de crianças assistidas na urgência de um hospital foram entrevistadas por Peterson e Bell (1996). As entrevistas recorreram a perguntas abertas, fechadas e do tipo “sim/não”. Os resultados confirmaram as expectativas, demonstrando que as questões do tipo aberto foram as que obtiveram um maior número de informações verdadeiras. As questões fechadas e do tipo “sim/não” produziram um aumento considerável de informações erróneas. Contudo, parece haver uma tendência dos entrevistadores (inclusivamente os treinados) para a utilização de perguntas fechadas, ainda que a criança tenha cedido um número razoável de informações em questões abertas anteriores (Lamb et al., 2003).

2.1.10 - Questões Sugestivas

Lyon (2002) perspectiva a pergunta sugestiva como pertencente a um *continuum* em que se posiciona no extremo oposto às questões em que a criança é solicitada a fornecer todos os detalhes (perguntas abertas). As perguntas sugestivas introduzem novas informações (falsas), não relatadas pelo entrevistado até esse momento (Garven et al., 1998; Gudjonsson, 1984). As perguntas podem ser consideradas sugestivas quando acarretam informação e, simultaneamente, supõe ou implicam o conhecimento desses dados pelo entrevistado sugerindo uma determinada resposta (Endres, 1997; Loftus e Zani, 1975; Sala e Falcon, 2001).

Existem vários tipos de questões sugestivas, dependendo da sua estrutura e conteúdos: questões capciosas, questões afirmativas e questões com alternativas falsas (Gudjonsson, 1984; Endres, 1997). As perguntas capciosas sugerem a resposta pretendida através de expectativas, premissas, descrições e informações falaciosas no seu conteúdo (“Aquele homem com um ar ameaçador enfrentou o polícia?”). As perguntas afirmativas são indutoras de aceitação (“Ele abraçou-te, não abraçou?”) e as perguntas do tipo alternativas falsas propõe duas alternativas de resposta em que nenhuma é verdadeira (“O que é que ele tinha na mão, uma caneta ou um lápis?”, numa situação em que a resposta certa fosse, por exemplo, ter a mão vazia). Segundo Gudjonsson (2003) este tipo de perguntas é o que gera maior mudança de resposta após *feedback* negativo.

Sala e Falcon (2001), a partir da recolha de questões utilizadas nos estudos de Gudjonsson (1987), Lipmann (1911) e Bender e Nack (1988), diferenciaram tipos de pergunta de acordo com o seu grau de sugestibilidade. As questões foram ordenadas de acordo com a quantidade de informação com que induz a resposta, como se poderá observar na figura 1. No entanto, os autores alertam para o facto da intensidade sugestiva da pergunta não estar necessariamente relacionada com a sua efectividade, afirmando que alguns métodos mais subtis podem ser mais eficazes que os mais óbvios e influenciadores.

Figura 1. Tipos de Questões e sugestionabilidade indexada

<u>Tipos de Pergunta</u>	<u>Exemplos</u>
Baixa Sugestionabilidade	
Pergunta aberta	“O que é que aconteceu?”
Pergunta de identificação	“Quando aconteceu?”
Pergunta de selecção	“Era homem ou mulher?”
Pergunta simples	“Disseram alguma coisa?”
Alta Sugestionabilidade	
Pergunta principal com premissas	“Fizeram-te coisas ao corpo de que não gostaste?”
Descrição implícita e avaliação	“O teu pai porta-se bem ou mais ou menos? Batemos-lhe?”
Expectativa implícita	“Disseram-te para não contares nada? Tens vergonha?”
Disjunção incompleta em pergunta alternativa	“Viste-o tocar no X com a mão ou com o pénis?”
Frase e Entoação	“Quem tocava nas miúdas? Os rapazes todos?!”
Pergunta com conteúdo sugerido	“Pois, as mães nunca sabem nada. Ou lembra-se de mais alguma coisa?”
Pergunta com Repetição	- “O X tocava-te. E os amigos dele? Nunca te tocaram?” - “Nada que eu me lembre.” - “Não de lembras de nada ou lembras-te pouco?”

A globalidade dos autores defende que o uso de perguntas sugestivas deve ser evitado uma vez que aumentam as distorções nas respostas das crianças. Particularmente nas mais novas, que tendem a optar por uma opção (ainda que incorrecta), têm dificuldade em assumir que não sabem a resposta e são sensíveis ao status do entrevistador (Bruck, Ceci e Melnyk, 1997; Ceci e Bruck, 1993, 1999; Peterson, Dowden e Tobin, 1999; Poole e White, 1993). A repetição de questões sugestivas aumenta os níveis de sugestionabilidade das crianças, que presumem que o facto de o entrevistador repetir a pergunta significa que não deram a resposta certa (Ceci e Friedman, 2000).

2.1.11 - Utilização de Bonecos Anatómicos

A utilização de bonecos anatómicos, bem como de estratégias que estimulam a imaginação das crianças (jogos, desenhos, etc.), são também consideradas de natureza sugestiva, já que são passíveis de gerar experiências “artificialmente fabricadas” (Ceci, Bruck e Batin, 2000). Os bonecos anatómicos, cujo corpo é genitalmente detalhado, são frequentemente utilizados como recurso na investigação do abuso sexual infantil uma vez que alguns autores consideram que se usados de modo adequado, sem utilização de questões sugestivas, podem ser úteis na estimulação da recordação das crianças (Everson e Boat, 2002). Porém, esta não é a opinião retirada da maioria dos estudos científicos, que desaconselham a sua utilização (Bruck, Ceci e Francoeur, 2000; Bruck, Ceci, Francoeur e Renick, 1995; Goodman, Quas, Batterman-Faunce e Riddlesberger, 1997). Apesar de

fomentarem a quantidade de informação por parte das crianças, o aumento da quantidade informativa é acompanhado pela perda de qualidade das declarações, que contêm imprecisões, incorrecções e inconsistências (Bruck et al., 1995; Goodman et al., 1997). Estas incorrecções devem-se aos seguintes factores: 1. Dificuldade da criança na diferenciação entre realidade e fantasia (Bruck et al., 1995; Ceci e Bruck, 1995; Thierry, Spence e Memon, 2001); 2. Dificuldade das crianças mais novas em visualizar o boneco como um símbolo de si e/ou como representante do que lhes aconteceu na realidade externa à entrevista (Bruck et al., 1995; Ceci e Bruck, 1995; Thierry et al., 2001); 3. Dificuldade no processo de monitorização da fonte de recordação, explicada pela disponibilização de novas fontes de experiência à criança (Ceci, Bruck e Batin, 2000). De facto, a utilização de bonecos anatómicos torna mais difícil saber (para o entrevistador e para a criança) se o que a criança mostra aconteceu na experiência com o suposto abusador ou, apenas, na experiência isolada com o boneco (Ceci, Bruck e Batin, 2000). Não existem evidências na literatura de que esta técnica possa ser tomada como indicadora da vivência de determinada experiência, pelo que é consensual o seu baixo grau de confiabilidade (Howe, Cichetti e Toth, 2006). Everson e Boat (2002) criticam a utilização desta estratégia projectiva por considerarem que sugere e sobrestima a sexualidade, não existe um protocolo *standard* nem um sistema válido de interpretação e pode conduzir o entrevistador a cometer erros e usos inadequados.

3 - Rumor e Desinformação entre o Grupo de Pares

Apesar do impacto significativo que o contexto de entrevista pode ter na veracidade dos relatos das crianças, a eliminação do uso de estratégias sugestivas não é suficiente para inocular a preocupação em torno da precisão do testemunho infantil. As crianças estão expostas a uma grande variedade de experiências, fora do contexto formal de entrevista, que podem potencialmente interferir com a recordação subsequente de um acontecimento. Tendo em conta: 1. Que segundo vários autores, os erros de monitorização da fonte de informação constituem a principal causa de sugestionabilidade e conseqüente construção de falsas memórias nas crianças (Leichtman, Morse, Dixon e Spiegel, 2000; Lindsay e Johnson, 1989); e que 2. Experiências incidentais poderão comprometer a exactidão das declarações das crianças (Poole e Lindsay, 1995, 1998, 2002; Príncipe, Ornstein, Baker-Ward e Gordon, 2000), torna-se pertinente a análise da ocorrência de eventos naturais com potencial para contaminar memórias já armazenadas. A conversação entre pares constitui uma dessas potenciais fontes de desinformação (Príncipe e Ceci, 2002), tema que apenas recentemente se tornou alvo de investigação sistemática por parte dos investigadores. Todavia, ainda pouco se sabe acerca do impacto da sugestão de pares nos erros de monitorização da fonte de informação nas crianças.

O conteúdo das nossas recordações sofre influências de uma ampla gama de variáveis, tanto internas como externas, tanto actuais como progressivas (Stain e col., 2010). Ou seja, reconstruímos o nosso passado influenciados por diversos factores e fazemo-lo, maioritariamente, sem consciência desse processo (Ceci e Bruck, 1995). Através da conversação, as crianças partilham as suas memórias com terceiros e no âmbito desta partilha mnésica encontram constantemente versões alternativas do passado (Principe e Ceci, 2002). As imagens mentais inspiradas por outras crianças podem ser confundidas com imagens construídas durante uma experiência real, conduzindo a erros na monitorização da fonte quando há discordância ou incertezas acerca do que de facto aconteceu (Principe e Ceci, 2002).

Entre 1670 e 1671, 588 crianças testemunharam acerca dos seus alegados contactos com bruxas na vila sueca de Rättvik - "*Great Swedish Witch Panic*". Foram registados os nomes, as idades e as circunstâncias em que o testemunho foi obtido, em particular ou durante encontros de grupos de oração onde as crianças estavam lado a lado com os seus pares. Através da descrição e análise do "*Great Swedish Witch Panic*", Stöberg (1995, 1997) concluiu que os relatos acerca de experiências satânicas e abdução eram estatisticamente mais prováveis se o testemunho fosse dado após as crianças estarem lado a lado com os seus pares do que se tivesse sido dado em entrevistas individuais. Sugeriu ainda que a exposição das crianças às histórias de feitiçaria dos seus pares incrementou a inclusão de temáticas semelhantes ao seu discurso.

O primeiro estudo científico de sugestibilidade infantil entre pares foi conduzido por Small em 1896 (Principe e Ceci, 2002). O autor destapou uma garrafa com um líquido claro (água) e pediu a um grupo de crianças que erguesse a mão quando conseguisse sentir o cheiro do perfume emitido pela garrafa. Várias crianças afirmaram sentir o seu odor e muitas delas foram influenciadas pelas respostas dos pares, sempre que uma criança levantava a mão seguia-se um grupo de mãos no ar. Em 1900, Binet desenvolve uma investigação em que mostra um conjunto de objectos a crianças e subsequentemente lhes faz uma série de perguntas sugestivas acerca dos mesmos, pedindo-lhes que respondessem a cada questão o mais rápido possível (Principe e Ceci, 2002). Binet constatou que as crianças que responderam em segundo e terceiro lugar deram frequentemente a mesma resposta que o primeiro inquirido, ainda que a resposta fosse incorrecta.

Durante aproximadamente 100 anos, os estudos de Small (1896) e Binet (1900) foram os únicos acerca dos efeitos da influência de pares na sugestibilidade das crianças. No final do século XX, através de situações não controladas cientificamente, surgem evidências de que as crianças são passíveis de fabricar relatos de eventos que não testemunharam com base na aprendizagem construída através da interacção com os seus pares (Principe e Ceci, 2002). Em 1989, Pynoos e Nader analisaram a memória de crianças pertencentes a uma escola alvo de um ataque, perpetrado por um *sniper*, que resultou no assassinato de uma criança e uma funcionária (Principe e Ceci, 2002). Quando entrevistadas, algumas das crianças que não se encontravam na escola durante o tiroteio (incluindo as que já estavam em casa ou se

encontravam de férias), produziram narrativas descritivas do evento bastante elaboradas. Presumivelmente, estas crianças construíram as suas declarações com base nas histórias contadas pelos colegas que testemunharam o ataque.

Ainda num estudo não publicado de Pettit, Fegan e Howie (1990), durante uma visita a uma pré-escola, dois adultos desconhecidos das crianças derrubaram um bolo acidentalmente (Principe e Ceci, 2002). Quando questionadas, 6 das 7 crianças que não se encontravam na escola durante esse dia afirmaram ter estado presentes, facto que poderá ser explicado pela procura de pertença ao grupo.

Os estudos supracitados demonstram que as experiências de um grupo podem levar os seus pares (não participantes no evento) a reportá-las, no entanto não integram a manipulação experimental de variáveis tais como a participação e não participação das crianças em eventos a recordar ou a extensão da influência de interacção entre pares no tipo de relato dado pelas crianças. Este tipo de variável viria a ser incluído por Principe e colaboradores nos estudos a seguir descritos e que serviram de base ao desenvolvimento do presente trabalho.

Principe e Ceci (2002) desenvolveram um estudo com o intuito de averiguar, no âmbito da investigação da sugestibilidade, os efeitos combinados da influência de pares e da entrevista sugestiva na memória para comportamentos de terceiros. Para a consecução dos seus objectivos de investigação, os autores utilizaram três grupos de crianças de idade pré-escolar que participaram num evento (escavação arqueológica) durante o qual um terço das crianças testemunhou duas actividades adicionais relacionadas com o comportamento do suposto arqueólogo (Condição Experimental). O segundo terço de crianças eram colegas do grupo da condição experimental, não tendo testemunhado as actividades extra (Condição Colegas). Esperava-se que parte destas crianças recebesse informação indirecta sobre as actividades adicionais através de conversas que ocorrem naturalmente com os colegas que as testemunharam. As restantes crianças não tinham contacto com colegas nem testemunharam as actividades alvo (Condição de Controlo).

Todas as crianças foram questionadas acerca de detalhes do evento, em três momentos diferentes, no período de três semanas. Cada um dos grupos experimentais foi ainda subdividido em duas condições diferentes de entrevista: entrevista sugestiva e entrevista neutra. De forma a examinar as consequências da interacção entre pares e da entrevista sugestiva, quatro semanas após o evento, todas as crianças participaram numa quarta entrevista executada por um novo entrevistador. A entrevista final incluiu a avaliação da monitorização da fonte, com o intuito de provar a origem das declarações sobre as actividades alvo. Durante o período de estudos, foi solicitada aos professores a gravação das discussões naturais que ocorressem entre as crianças acerca das actividades alvo. A média do número de conversações gravadas em cada sala foi 5 e, a maioria delas (89%), ocorreram durante a primeira semana após o evento. Os investigadores estimam que tenham ocorrido mais discussões que possam não ter sido gravadas pelos professores.

Os resultados desta investigação revelaram que a combinação de entrevistas sugestivas e a exposição de pares conduziu a declarações acerca das actividades alvo muito semelhantes entre os grupos “Condição Colegas” e “Condição Testemunhas”. Este resultado levou os autores a concluir que duas fontes diferentes de sugestibilidade, nomeadamente a entrevista sugestiva e a influência de pares, induzem intrusões espontâneas no relato das crianças e que as interações com colegas da mesma idade podem aumentar alegações espontâneas de eventos falsos, mesmo na ausência de exposição à informação enganosa dos adultos.

Num outro estudo de Principe e col. (2006), no qual se baseou o design experimental desta investigação, quatro grupos de crianças em idade pré-escolar assistiram a um espectáculo de magia durante o qual o ilusionista falha ao tentar tirar um coelho da cartola. Após o espectáculo um dos grupos ouviu uma conversa programada em que um cúmplice adulto alegou que o mágico falhou porque o coelho estava perdido na escola e não no seu chapéu (Grupo Rumor). As crianças pertencentes ao “Grupo Colegas” eram colegas de sala das crianças do “Grupo Rumor”. As crianças na condição de controlo (Grupo Controlo) não eram colegas das pertencentes ao “Grupo Rumor” nem tiveram acesso ao rumor do adulto. As restantes crianças experienciaram o evento sugerido pelo rumor, viram um coelho verdadeiro à solta na sua sala (Grupo Testemunhas). As crianças foram questionadas em dois momentos após a entrevista (passado uma semana e duas semanas depois), metade de forma neutra e metade de forma sugestiva.

Os resultados demonstraram que independentemente do tipo de entrevista utilizada, tanto as crianças que ouviram o rumor como as suas colegas eram tão propensas a afirmar ter experienciado o rumor como as crianças que de facto o testemunharam. A maioria dos relatos de rumores não vivenciados foram obtidos na questão de recordação livre, acompanhados por altos níveis de elaboração fictícia. Para além disso não houve diferenças na taxa de crianças que reportou o rumor entre o “Grupo Rumor” e o “Grupo Colegas”.

Principe, Tinguely e Dobrowski (2007) avaliaram também as diferenças de idade na vulnerabilidade das crianças à indução de dois tipos de falsos rumores: rumores que sugerem uma explicação plausível para uma experiência prévia não resolvida e rumores que entram em conflito com informações já presentes na memória. Os resultados indicaram que todas as crianças foram extremamente susceptíveis a relatar (erradamente) o rumor como uma experiência vivenciada por si, quando ele apenas preencheu uma lacuna da sua memória. No entanto, as crianças de 5 e 6 anos mostraram maior resistência que as de 3 e 4 anos para rumores que sugeriam experiências pouco plausíveis de acordo com o evento passado, evidenciando diferenças desenvolvimentais a este nível.

Num estudo mais recente, Principe, Daley e Kauth (2010) tentaram compreender se o impacto do rumor na memória de crianças, entre os 3 e os 5 anos de idade, varia em função de processos sociais. Os resultados defendem que o mesmo rumor tem diferentes consequências na recordação das crianças dependendo do grau e do tipo de interação social estabelecida após a sua exposição (ao rumor). As crianças às quais era permitida uma

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

interacção natural com os seus pares demonstraram maior tendência a reportar o rumor que as crianças privadas da conversação entre pares. A exposição ao rumor culminou ainda numa maior contaminação da memória no grupo de crianças em que o rumor foi lançado por colegas que lhe eram familiares, comparativamente ao grupo de crianças cujo rumor era induzido por estranhos.

Capítulo II - Corpo empírico

1 - Apresentação do estudo

As crianças estão expostas a uma enorme variedade de situações e interações no seu quotidiano passíveis de influenciar a sua adesão à sugestibilidade e decorrente construção de falsas memórias. Após a revisão bibliográfica efectuada e dos vários estudos consultados, é notória a frequência de investigações que se focam nas diferenças individuais e no impacto dos factores inerentes à entrevista na construção de falsas memórias e na sugestibilidade, contudo são incomuns aqueles que se debruçam sobre a influência de condicionantes externas nas imprecisões mnésicas das crianças.

Deste modo, após muitas horas de pesquisa, verificou-se a escassez de estudos que relacionassem a influência do rumor na construção de falsas memórias, pelo que esta investigação emerge da necessidade de colmatar tal falha e proporcionar um contributo científico na compreensão da génese das falsas memórias infantis. Para isso, este estudo baseou-se nos trabalhos desenvolvidos por Gabrielle Principe e colaboradores (2002, 2006, 2007, 2010), utilizando uma metodologia experimental análoga às do Paradigma da Desinformação.

1.1 - Tipo de estudo

O método delineado permite traçar um plano de investigação que servirá de linha condutora para alcançar os objectivos pretendidos. Deste modo, tudo se inicia com a formulação do objecto de estudo, para posteriormente se tomarem decisões acerca dos procedimentos a adoptar e instrumentos a utilizar. Partindo deste pressuposto, o presente estudo utiliza uma metodologia quasi-experimental, com manipulação das variáveis estudadas, e caracteriza-se pelo seu carácter quantitativo, na medida em que enfatiza o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e a mensuração dos vários aspectos do comportamento humano, bem como descritivo, pois procede-se à recolha de dados que visam a descrição da relação entre variáveis. É também comparativo, uma vez que possui a pretensão de comparar grupos, e inferencial, pois através da comparação de frequências de resposta entre grupos objectiva-se a inferência de hipóteses. No que concerne ao *design* temporal, esta é uma investigação sequencial, dado que os dados foram recolhidos em dois momentos diferentes.

1.2 - Objectivos

Partindo da revisão bibliográfica realizada, torna-se pertinente avaliar a relação entre rumor e construção de falsas memórias constituindo-se este como o objectivo geral do

estudo. Ou seja, pretende-se verificar se a introdução do rumor influencia o processamento cognitivo das crianças (e posterior relato) para a memória de um evento. De igual modo, são delineados os seguintes objectivos específicos:

- Verificar as diferenças de género no que concerne à construção de falsas memórias e à sugestionabilidade;
- Analisar as diferenças etárias na aquiescência à sugestionabilidade e consequente construção de falas memórias;
- Estudar as diferenças no grau de exposição ao rumor e posterior impacto na incorporação de sugestões falsas;
- Explorar os efeitos da entrevista sugestiva nas declarações da criança;
- Verificar o efeito da repetição de entrevistas na sugestionabilidade das crianças.

1.3 - Definição das variáveis em estudo

Para a concretização do estudo é impreterível a definição de variáveis e portanto, como variáveis independentes surgem:

- Idade;
- Género;
- Condição Experimental (grau de exposição ao rumor);
- Tipo de Entrevista (sugestiva Vs. neutra);

Por seu lado, concebem-se como variáveis dependentes:

- Construção de Falsas Memórias;
- Sugestionabilidade;

1.4 - Hipóteses

Decorrente dos objetivos definidos formulam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: A maioria das crianças reporta acontecimentos de acordo com a experiência vivida;

Hipótese 2: Não há diferenças na construção de falsas memórias entre os diferentes graus de exposição ao rumor (rumor directamente inserido por um adulto/rumor indirectamente sugerido pelo grupo de pares);

Hipótese 3: A construção de falsas memórias será superior nas crianças pertencentes ao grupo 1 (rumor) e 2 (colegas/rumor) comparativamente às crianças do grupo 3 (testemunhas) e 4 (controlo);

Hipótese 4: A combinação da entrevista sugestiva e do rumor conduz ao aumento da adesão à sugestão de falsas memórias;

Hipótese 5: A construção de falsas memórias concordantes com o rumor é superior no segundo momento de entrevista;

Hipótese 6: A construção de falsas memórias é superior no grupo de crianças alvo de entrevista sugestiva, relativamente às crianças entrevistadas de forma neutra;

Hipótese 7: As crianças na condição de entrevista sugestiva incorporam um número superior de falsas memórias concordantes com o rumor que as crianças entrevistadas de forma neutra;

Hipótese 8: O grau de sugestionabilidade e a tendência para integrar falsas memórias diminui à medida que a idade aumenta;

Hipótese 10: Não existem diferenças significativas entre géneros no que concerne à construção de falsas memórias e à sugestionabilidade;

Hipótese 11: O relato livre está associado a um menor número de erros mnésicos comparativamente à introdução de questões fechadas;

Hipótese 12: A introdução de questões sugestivas gera maior aceitação de sugestão nas crianças;

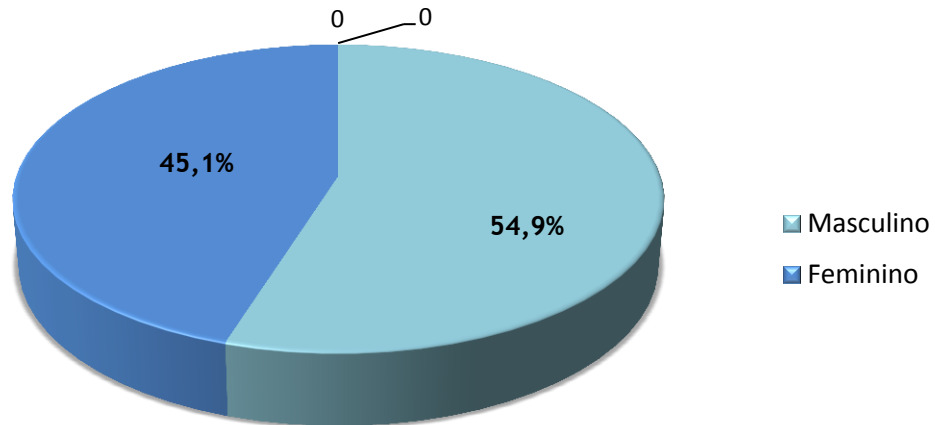
Hipótese 13: A repetição de entrevistas tem um efeito nocivo nas declarações das crianças, levando ao aumento de erros mnésicos;

2 - Método

2.1 - Participantes

Os participantes dizem respeito à percentagem de sujeitos estudados, constituindo-se estes como uma amostra da população que se pretende investigar. Na selecção dos mesmos são comumente indicados alguns critérios de inclusão ou exclusão, sendo que nesta investigação traçam-se como critérios de inclusão possuir idade compreendida entre 3 e 5 anos e ser residente no Concelho da Covilhã. Na realização deste estudo, colaboraram 142 sujeitos, 78 do sexo masculino (54,9%) e 64 do sexo feminino (45,1%) (cf. figura 2).

Figura 2. Distribuição dos participantes consoante o sexo



No que concerne às idades verificou-se que a média é de 4,09 e o desvio padrão é de 0,75. A mediana registou o valor de 4 anos e a moda é também de 4. Por seu lado, a idade mínima verificada foi 3 anos, tendo sido registada como idade máxima 5 anos. Com o intuito de verificar diferenças de resultados em função da idade, a amostra foi dividida em 3 grupos consoante a idade (cf. Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição frequencial e percentual da amostra consoante as idades

Idade	Frequência	Percentagem
3 anos	34	23,9
4 anos	61	43
5 anos	47	33,1
Total	142	100

Com vista a alcançar os objetivos pretendidos, a amostra foi dividida em 4 grupos, sendo que o primeiro grupo (rumor) corresponde àqueles que ouviram o rumor de forma directa, o segundo grupo (colegas/rumor) não tiveram acesso ao rumor lançado pela educadora, mas partilham diariamente a mesma sala com as crianças do grupo 1, o grupo 3 (testemunhas) não foi alvo do rumor nem teve qualquer tipo de contato com as crianças do

grupo 1, tendo testemunhado um acontecimento coincidente com a história do rumor e, por fim, o grupo 4 (grupo de controlo) não ouviu nenhum rumor, não manteve contato com os restantes grupos, nem testemunhou qualquer situação semelhante ao rumor. Posto isto, o primeiro grupo integra 32 (33,5%) crianças, o segundo integra 31 (21,8%) crianças, o terceiro integra 33 (23,2%) crianças e ao quarto grupo pertencem 46 (32,4%) crianças. Por fim, a amostra foi dividida entre aqueles que responderam à entrevista não sugestiva e à entrevista sugestiva (cf. tabela 2).

Tabela 2. Distribuição frequencial e percentual da amostra consoante o tipo de entrevista

	Frequência	Percentagem
Não sugestiva	71	50
Sugestiva	71	50
Total	142	100

2.2 - Instrumentos

A recolha de informação foi realizada através da administração de duas entrevistas, uma com formato neutro e outra com formato sugestivo. Seguidamente, descrever-se-ão as principais características de cada entrevista.

2.2.1 - Entrevista estruturada

As entrevistas utilizadas baseiam-se nas entrevistas neutra e sugestiva utilizadas por Principe, Kanaya, Ceci e Singh (2006). Ambas as entrevistas, na sua estrutura original em língua inglesa, seguem um formato estruturado e iniciam-se com uma questão aberta (“Tell me everything that you remember about the day that Magic Mumfry visited your school... Don't guess or make anything up. Just tell me what you did or saw the time that Magic Mumfry came to your school.”). Adicionalmente existe uma questão relacionada com o evento *target* que é aplicada quando a criança não o menciona em discurso livre. Assim, a entrevista neutra contém apenas as duas questões acima referidas, enquanto que, a entrevista sugestiva engloba mais 4 questões de escolha forçada que sugeriam o acontecimento *target*. As sugestões são consistentes com aquilo que as crianças do grupo de testemunhas experienciaram.

Partindo deste modelo de entrevista, procedeu-se à tradução do mesmo para a língua portuguesa e à sua adaptação aos acontecimentos aos quais as crianças viriam a ser expostas no presente estudo (Anexo 1). Deste modo, ambas as entrevistas se iniciam com uma questão

aberta (“Conta-me tudo aquilo de que te lembrares do dia em que o Zé Mágico veio à escola. Não tentes adivinhar nem inventar nada. Conta-me só aquilo que tu viste mesmo, enquanto o Zé Mágico aqui esteve”). À semelhança da entrevista original, sempre que as crianças não referissem o evento *target*, era-lhes direcionada uma questão específica (“Aconteceu alguma coisa à pomba do Zé Mágico?”). Contrariamente ao que acontece na versão original, e de forma a avaliar a sugestionabilidade das crianças para eventos além do *target* (sugestionabilidade interrogativa), foram acrescentadas 3 questões não relativas ao evento *target* em ambas as entrevistas. Na entrevista neutra tais questões eram de resposta aberta, enquanto que, na entrevista sugestiva, as mesmas questões têm um carácter de escolha forçada entre duas opções de resposta. A entrevista neutra não inclui mais questões, por seu lado, a entrevista sugestiva comporta ainda duas questões adicionais sugestivas relativas ao evento *target*, induzindo as crianças a responder sobre um acontecimento que não presenciaram, mas que está relacionado com o rumor.

No que respeita à codificação das entrevistas, ambas seguiram a mesma forma de codificação, sendo que, para a questão *target*, o relato das crianças foi codificado segundo 4 opções, nomeadamente: (1) resposta de acordo com o evento vivido; (2) falsa memória concordante com o rumor; (3) falsa memória não concordante com o rumor; e (4) não sei/não me recordo. Todas as restantes questões foram codificadas como 1) certo; 2) errada e 3) não sei/não me recordo (anexo 2). A codificação teve em conta a experiência particular de cada grupo, por exemplo, uma resposta que referisse o testemunho da pomba na sala x a comer milho, foi codificada como resposta de acordo com o evento vivido no grupo 3 (testemunhas), enquanto que nos grupos 1 e 2 (respectivamente, rumor e colegas/rumor) a mesma resposta foi codificada como falsa memória concordante com o rumor. Codificaram-se como falsas memórias não concordantes com o rumor todas as declarações que não se coadunassem nem com o evento vivido nem com o rumor (exemplo: “A pomba saiu da cartola e voou... Depois caiu aqui neste chão e vieram outros amigos animais ajudá-la”; “A pomba apareceu e acendia e apagava, era vermelha.”). Relativamente às questões adicionais na condição de entrevista sugestiva, relacionadas com o evento *target*, para os grupos 1, 2 e 4 considera-se que existem indícios de sugestionabilidade sempre que a criança não assuma que não sabe a resposta. Independentemente de acertarem ou não na cor da pomba e no que a pomba estava a comer, o facto dos grupos que não testemunharam o evento optarem por uma resposta já denuncia a sua cedência à sugestão.

2.3 - Procedimentos

Realizado um primeiro contacto com a literatura existente, procedeu-se à definição da temática da investigação, sendo posteriormente elaborados e analisados os objetivos do estudo. Seguidamente realizou-se a delimitação da amostra e definição dos critérios de inclusão. Com base nestes aspetos optou-se pela utilização de uma entrevista estruturada criada com base num estudo já realizado (Pincipe et al., 2006). Assim, primeiramente foi

estabelecido um contato informal com as diretoras dos jardins de infância e após autorização das mesmas para a realização do estudo, procedeu-se a uma reunião com as educadoras com o intuito de facultar toda a informação necessária e esclarecer dúvidas. Posteriormente, através delas, foi entregue o consentimento informado aos pais das crianças, com o intuito de informar e obter autorização para a participação das crianças no estudo (anexo 3). Posteriormente estabeleceu-se contato com um mágico experiente com crianças desta faixa etária, ao qual foi igualmente explicado o objetivo do estudo. Depois destas etapas, definiram-se as crianças a incluir em cada grupo, sendo que, as crianças do grupo 1 e 2 pertenciam ao mesmo infantário, já que este possuía um maior número de crianças. Os restantes dois grupos pertenciam a dois infantários diferentes.

Os quatro grupos assistiram a um espetáculo de magia, protagonizado pelo “Zé Mágico”, no qual este após fazer um conjunto de truques adequado à faixa etária das crianças, falha ao tentar tirar uma pomba da cartola, tendo-se mostrado bastante preocupado com o seu desaparecimento (evento *target*). Imediatamente após este acontecimento, uma das educadoras (cúmplice da investigação) afirma que a pomba não estava perdida, mas que ao invés de aparecer ali, tinha aparecido numa determinada sala a comer milho. O grupo 2 (colegas/rumo) não teve acesso ao rumor lançado pela educadora, mas partilham diariamente as mesmas salas com as crianças do grupo 1. Era esperado que as crianças nesta condição experimental recebessem informação indireta relativa ao evento *target* através da ocorrência de conversações naturais com os colegas do grupo 1. Relativamente ao grupo 1 e 2, foi pedido às educadoras que não conversassem acerca do evento *target* com as crianças, mas que não interferissem sempre que ouvissem as crianças falar do ocorrido. O grupo 3 (testemunhas) não foi alvo do rumor nem estabeleceu qualquer tipo de contacto com as crianças do grupo 1, tendo no entanto, experienciado uma situação análoga à relatada pelo rumor. O grupo 4 (condição de controlo) não ouviu o rumor, não manteve qualquer contacto com os restantes grupos, nem testemunhou o aparecimento da pomba. Todas as condições experimentais foram gravadas em formato vídeo de forma a certificar que todos os espetáculos de magia foram exactamente iguais, quer na ordem dos truques apresentados, quer nas cores e formatos dos materiais, quer na interacção verbal entre o mágico e as crianças. As crianças foram entrevistadas em dois momentos distintos: (1) após uma semana depois do acontecimento; e (2) duas semanas depois do acontecimento. Na resposta às entrevistas, cada grupo, foi dividido em duas condições distintas de entrevista: sugestiva vs. neutra. Finda esta etapa, procedeu-se à codificação das 284 entrevistas realizadas e posterior análise estatística.

3- Análise Estatística

Para a análise estatística dos dados obtidos, utilizou-se a versão 19.0 do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). O processo de análise de dados envolve vários passos, sendo que o primeiro corresponde à verificação da possível existência de erros, ou

seja, verificar se existem valores que caiam fora do intervalo de valores possível para uma variável. Quando este erro é detetado, é então necessário que seja encontrado ao longo da base de dados, para que assim possa ser corrigido. Deste modo, verificou-se a existência de erros ou valores em falta, procedendo-se à sua correção.

Tendo em conta os valores de *Skewness* e *Kurtosis*, bem como os valores do teste *Kolmogorov-Smirnov*, verifica-se que a distribuição não é normal (cf. Tabela 3), pelo que a análise dos dados recorreu à estatística descritiva. Assim, de forma a comparar vários subgrupos utilizou-se o teste *Pearson Chi-Square* (e.g. resposta dos diferentes grupos de idade à questão *target*).

Tabela 3. Valores relativos ao teste Kolmogorov-Smirnov

	Kolmogorov-Smirnov	P
Aconteceu alguma coisa à pomba do Zé Mágico?	0,400	0,000
Respondeu na questão	0,423	0,000
Desenhos do livro de pintura	0,507	0,000
Cores dos Copos	0,455	0,000
Transformou um dos meninos em quê?	0,486	0,000
Pomba branca ou preta?	0,381	0,000
Pomba a comer milho ou amendoim?	0,317	0,000

4 - Resultados

Após a análise dos dados recolhidos, seguir-se-á a apresentação dos resultados obtidos, consoante as variáveis em estudo. No que respeita ao tipo de entrevista, verifica-se que 71 (50%) crianças respondem na entrevista não sugestiva e que, do mesmo modo, 71 (50%) respondem na entrevista sugestiva. Assim, tendo em conta que foram aplicadas duas entrevistas em momentos diferentes, apresentar-se-ão primeiramente os resultados relativos ao primeiro momento de entrevista.

Tendo como base a amostra de uma forma global, observou-se que, 93 (65,5%) crianças respondem de acordo com o evento vivido, enquanto 16 (11,3%) crianças respondem mediante uma falsa memória concordante com o rumor. Por seu lado, 25 (17,6%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor e por fim, 8 (5,6%) participantes diz não saber ou não se recordar (cf. tabela 4).

Tabela 4. Distribuição frequencial e percentual da amostra global consoante a resposta dada à questão target

	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	93	65,5
FM concordante com Rumor	16	11,3
FM não concordante com Rumor	25	17,6
Não sabe/Não se recorda	8	5,6
Total	142	100

Tendo em conta a distribuição dos participantes pelos 4 grupos (rumor, colegas-rumor, testemunhas e neutro), verifica-se que, para a questão target, no grupo 1, 11 crianças (34,4%) respondem de acordo com o vivido, 11 (34,4%) respondem com uma falsa memória concordante com o rumor, 7 (21,9%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor e que, 3 (9,4%) não sabe ou não se recorda. Por seu lado, no grupo 2, 14 crianças (45,2%) respondem com uma resposta concordante com o evento vivido, 5 (16,1%) respondem mediante uma falsa memória concordante com o rumor, 7 (29%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor e 3 (9,7%) dizem não saber ou não se recordar. Relativamente ao grupo 3, 32 (97%) crianças respondem de acordo com o evento vivido, 1 (3%) responde com uma falsa memória não concordante com o rumor. Nenhuma criança respondeu de forma concordante com o rumor ou disse não saber ou não se recordar. Por fim, no grupo 4, 36 (78,3%) crianças respondem de acordo com o vivido, 8 (17,4%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor, 2 (4,3%) dizem não saber ou não responder e nenhuma criança respondeu com uma falsa memória concordante com o rumor (cf. tabela). Tais diferenças são estatisticamente significativas ($X^2=47,842;p=0,000$) (cf. tabela 5).

Tabela 5. Distribuição frequencial e percentual das respostas dos sujeitos consoante os grupos à questão target na primeira entrevista

Grupo 1	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	11	34,4
FM concordante com Rumor	11	34,4
FM não concordante com Rumor	7	21,9
Não sabe/Não se recorda	3	9,4

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Total	32	100
Grupo 2	Frequência	Porcentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	14	45,2
FM concordante com Rumor	5	16,1
FM não concordante com Rumor	7	29
Não sabe/Não se recorda	3	9,7
Total	31	100
Grupo 3	Frequência	Porcentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	32	97
FM concordante com Rumor	0	0
FM não concordante com Rumor	1	3
Não sabe/Não se recorda	0	0
Total	33	100
Grupo 4	Frequência	Porcentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	36	78,3
FM concordante com Rumor	0	0
FM não concordante com Rumor	8	17,4
Não sabe/Não se recorda	2	4,3
Total	33	100

Relativamente à resposta numa questão aberta ou fechada, no grupo 1, 5 (15,6%) sujeitos respondem na questão aberta e 27 (84,4%) respondem na questão fechada. No grupo 2, 13 (41,9%) respondem na questão aberta e 18 (58,1%) respondem na questão fechada. Por seu lado, no grupo 3, 16 (48,5%) crianças respondem na questão aberta e 17 (51,5%) respondem na questão fechada. Por fim, no grupo 4, 11 (23,9%) crianças responderam na questão aberta e 35 (76,1%) responderam na questão fechada ($\chi^2=10,903$; $p=0,012$).

No que respeita à questão acerca da cor da pomba, verificou-se que, no grupo 1, ocorreram 5 (35,7%) respostas corretas, 8 (57,1%) respostas erradas e 1 (7,1%) sujeito que referiu não saber ou não se recordar. Por seu lado, no grupo 2, 7 (41,2%) sujeitos responderam de forma correta, 6 (35,3%) responderam errado e 4 (23,5%) disseram não saber ou não se recordar. Já no grupo 3 foi possível verificar a ocorrência de 16 (94,1%) respostas corretas e 1 (5,9%) resposta errada. Por último, no grupo 4 registaram-se 16 (66,7%) respostas certas, 4 (16,7%) respostas erradas e 4 (16,7%) sujeitos que referem não saber ou não se recordar ($\chi^2 = 19,266$; $p=0,004$).

Na última questão, que se refere àquilo que a pomba estava a comer, verificou-se que, no grupo 1, 5 (35,7%) crianças respondem certo, 8 (57,1%) respondem errado e 1 (7,1%)

refere não saber ou não responde. Por seu lado, no grupo 2, 6 (35,3%) crianças respondem acertadamente, 7 (41,2%) crianças respondem erradamente e 4 (23,5%) dizem não saber ou não se recordar. No grupo 3, verificaram-se 13 (76,5%) respostas certas, 2 (11,8%) respostas erradas e 2 (11,8%) sujeitos que dizem não saber ou não se recordar. Por fim, no grupo 4, 13 (54,2%) sujeitos respondem correctamente, 8 (33,3%) respondem erradamente e 3 (12,5%) dizem não saber ou não se recordar ($X^2 = 10,153$; $p=0,118$).

No que respeita às idades dos participantes, para a questão *target*, verificamos que, entre os sujeitos com 3 anos, 16 (47,1%) respondem de acordo com o evento vivido, 3 (8,8%) respondem com uma falsa memória concordante com o rumor, 13 (38,2%) respondem com base numa falsa memória não concordante com o rumor e 2 (5,9%) não sabem ou não respondem. Por outro lado, no grupo de sujeitos com 4 anos, observou-se que, 38 (62,3%) crianças respondem com uma resposta concordante com o evento vivido, 10 (16,4%) respondem com base numa falsa memória concordante com o rumor, 9 (14,8%) respondem com base numa falsa memória não concordante com o rumor e 4 (6,6%) não sabem ou não respondem. Por último, no grupo de crianças com 5 anos, 39 (83%) respondem de acordo com o evento vivido, 3 (6,4%) respondem com base numa falsa memória concordante com o rumor, 3 (6,4%) respondem com base numa falsa memória não concordante com o rumor e 2 (2,6%) não sabem ou não respondem. Tais diferenças são significativas ($X^2=18,769$; $p= 0,05$) (cf. tabela 6)

Tabela 6. Distribuição frequencial e percentual das respostas dos sujeitos consoante os grupos de idades à questão *target* na primeira entrevista

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	16	47,1
FM concordante com Rumor	3	8,8
FM não concordante com Rumor	13	38,2
Não sabe/Não se recorda	2	5,9
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Resposta de acordo com o evento vivido	38	62,3
FM concordante com Rumor	10	16,4
FM não concordante com Rumor	9	14,8
Não sabe/Não se recorda	4	6,6
Total	61	100
Sujeitos com 5 anos		

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Resposta de acordo com o evento vivido	39	83
FM concordante com Rumor	3	6,4
FM não concordante com Rumor	3	6,4
Não sabe/Não se recorda	2	2,6
	47	100

Relativamente ao tipo de resposta observamos que, em todos os grupos de idades, as crianças respondem maioritariamente na questão fechada ($X^2 = 3,084$; $p = 0,214$) (cf. tabela 7).

Tabela 7. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função do tipo de resposta na primeira entrevista

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Questão aberta	11	32,4
Questão fechada	23	67,6
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Questão aberta	15	24,6
Questão fechada	46	75,4
Total	61	100
Sujeitos com 5 anos		
Questão aberta	19	40,4
Questão fechada	28	59,6
Total	47	100

Relativamente à questão sobre os desenhos do livro de pintura, em todos os grupos de idades se verifica que a maioria das crianças responde acertadamente ($X^2 = 9,340$; $p = 0,053$) (cf. tabela 8).

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Tabela 8. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função da resposta à questão sobre o desenho do livro de pintura na primeira entrevista

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Certa	22	64,7
Errada	9	26,5
Não sabe/não responde	3	8,8
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Certa	50	82
Errada	8	13,1
Não sabe ou não responde	3	4,9
Total	61	100
Sujeitos com 5 anos		
Certa	42	89,4
Errada	2	4,3
Não sabe ou não responde	3	6,4
Total	47	100

Relativamente às cores dos copos, observa-se também uma maioria de respostas corretas em todos os grupos de idades ($X^2 = 1,635$; $p = 0,803$) (cf. tabela 9)

Tabela 9. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função da resposta à questão sobre as cores dos copos

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Certa	21	61,8
Errada	12	35,3
Não sabe/não responde	1	2,9
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Certa	43	70,5
Errada	17	27,9

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Não sabe ou não responde	1	1,6
Total	61	100
Sujeitos com 5 anos		
Certa	35	74,5
Errada	11	23,4
Não sabe ou não responde	1	2,1
Total	47	100

Na questão que faz apelo à transformação de um dos meninos, a maioria também respondeu acertadamente ($X^2 = 24,401$; $P = 0,000$) (cf. tabela 10)

Tabela 10. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades em função da resposta à questão sobre a transformação de um menino

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Certa	19	55,9
Errada	11	32,4
Não sabe/não responde	4	11,8
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Certa	55	90,2
Errada	4	6,6
Não sabe ou não responde	2	3,3
Total	61	100
Sujeitos com 5 anos		
Certa	43	91,5
Errada	1	2,1
Não sabe ou não responde	3	6,4
Total	47	100

Relativamente à comparação consoante o género, verificamos que, tanto no sexo masculino como no sexo feminino, a resposta predominante é a resposta de acordo com o evento vivido ($X^2=2,928$; $p= 0,403$) (cf. tabela 11)

Tabela 11. Distribuição frequencial e percentual por sexos consoante a resposta dada à questão target

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	54	69,2
FM concordante com Rumor	10	12,8
FM não concordante com Rumor	11	14,1
Não sabe/Não se recorda	3	3,8
Total	78	100
Sexo Feminino		
Resposta de acordo com o evento vivido	39	60,9
FM concordante com Rumor	6	9,4
FM não concordante com Rumor	14	21,9
Não sabe/Não se recorda	5	7,8
Total	64	100

No que respeita aos desenhos do livro de pintura, verifica-se que, os dois sexos respondem maioritariamente de forma correta ($X^2=1,937$; $p= 0,380$) (cf. tabela 12).

Tabela 12. Distribuição frequencial e percentual por sexo consoante a resposta à questão sobre os desenhos do livro de pintura

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Certa	65	83,3
Errada	10	12,8
Não sabe/não responde	3	3,8
Total	78	100
Sexo Feminino		
Certa	49	76,6
Errada	9	14,1
Não sabe ou não responde	6	9,4
Total		

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Relativamente às cores dos copos, observa-se também que, os dois sexos respondem maioritariamente de forma correta ($\chi^2=3,029$; $p= 0,220$) (cf. tabela 13).

Tabela 13. Distribuição frequencial e percentual por sexo consoante a resposta à questão sobre as cores dos copos

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Certa	59	75,6
Errada	18	23,1
Não sabe/não responde	1	1,3
Total	78	100
Sexo Feminino		
Certa	40	62,5
Errada	22	34,4
Não sabe ou não responde	2	3,1
Total	64	100

Na questão alusiva à transformação de um dos meninos, os participantes do estudo, quer no sexo masculino, quer no sexo feminino, respondem de forma acertada ($\chi^2=1,810$; $p= 0,404$) (cf. tabela 14).

Tabela 14. Distribuição frequencial e percentual por sexo consoante a resposta à questão sobre a transformação de um dos meninos

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Certa	66	84,6
Errada	9	11,5
Não sabe/não responde	3	3,8
Total	78	100
Sexo Feminino		
Certa	51	79,7
Errada	7	10,9
Não sabe ou não responde	6	9,4
Total	64	100

No que respeita às diferenças obtidas em função do tipo de entrevista (sugestiva ou não sugestiva), para a questão *target*, verificamos que, tanto aqueles que responderam à entrevista não sugestiva como aqueles que responderam à entrevista sugestiva, deram uma resposta de acordo com o evento vivido ($\chi^2=0,621$; $p= 0,892$) (cf. tabela 15)

Tabela 15. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão *target*

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	46	64,8
FM concordante com Rumor	7	9,9
FM não concordante com Rumor	14	19,7
Não sabe/Não se recorda	4	5,6
Total	71	100
Entrevista sugestiva		
Resposta de acordo com o evento vivido	47	66,2
FM concordante com Rumor	9	12,7
FM não concordante com Rumor	11	15,5
Não sabe/Não se recorda	4	5,6
Total	71	100

Na questão alusiva aos desenhos do livro de pintura, verifica-se que tanto no grupo de sujeitos que respondeu à entrevista não sugestiva, como no grupo de sujeitos que responderam à entrevista sugestiva, as respostas foram maioritariamente corretas ($\chi^2=3,813$; $p= 0,149$) (cf. tabela 16).

Tabela 16. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão sobre o livro de pintura

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Certa	53	74,6
Errada	11	15,5
Não sabe/não responde	7	9,9
Total	71	100
Entrevista sugestiva		
Certa	61	85,9

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Errada	8	11,3
Não sabe ou não responde	2	2,8
Total	71	100

Na questão acerca das cores dos copos, em ambos os grupos se verificou um maior número de respostas certas comparativamente ao número de respostas erradas ($X^2=2,428$; $p=0,297$) (cf. tabela 17).

Tabela 17. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão sobre as cores dos copos

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Certa	46	64,8
Errada	24	33,8
Não sabe/não responde	1	1,4
Total	71	100
Entrevista sugestiva		
Certa	53	74,6
Errada	16	22,5
Não sabe ou não responde	2	2,8
Total	71	100

Quando questionados acerca da transformação de um dos meninos, em ambos os grupos se registou um maior número de respostas corretas, comparativamente às outras opções de resposta ($X^2=11,771$; $p=0,003$) (cf. tabela 18).

Tabela 18. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a questão sobre as cores dos copos

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Certa	60	84,5
Errada	3	4,2
Não sabe/não responde	8	11,3
Total	71	100
Entrevista sugestiva		
Certa	57	80,3

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Errada	13	18,3
Não sabe ou não responde	1	1,4
Total	71	100

Relativamente à segunda entrevista, os resultados apresentar-se-ão de seguida.

Considerando a amostra globalmente, observou-se que, 85 (59,9%) crianças respondem de acordo com o evento vivido, enquanto que, 13 (9,2%) crianças respondem mediante uma falsa memória concordante com o rumor. Por seu lado, 36 (25,4%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor e por fim, 8 (5,6%) participantes dizem não saber ou não se recordar (cf. tabela 19).

Tabela 19. Distribuição frequencial e percentual da amostra global consoante a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	85	59,9
FM concordante com Rumor	13	9,2
FM não concordante com Rumor	36	25,4
Não sabe/Não se recorda	8	5,6
Total	142	100

Tendo em conta a distribuição dos participantes pelos 4 grupos (rumor, colegas-rumor, testemunhas e controlo), verifica-se que, para a questão *target*, no grupo 1, 11 crianças (34,4%) respondem de acordo com o vivido, 9 (28,1%) respondem com uma falsa memória concordante com o rumor, 9 (28,1%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor e que, 3 (9,4%) não sabe ou não se recorda. Por seu lado, no grupo 2, 10 crianças (32,3%) respondem com uma resposta concordante com o evento vivido, 4 (12,9%) respondem mediante uma falsa memória concordante com o rumor, 14 (45,2%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor e 3 (9,7%) dizem não saber ou não se recordar. Relativamente ao grupo 3, a totalidade das crianças (33) crianças respondem de acordo com o evento vivido. Por fim, no grupo 4, 31 (67,4%) crianças respondem de acordo com o vivido, 13 (28,3%) respondem com uma falsa memória não concordante com o rumor, 2 (4,3%) dizem não saber ou não responder e nenhuma criança respondeu com uma falsa memória concordante com o rumor ($\chi^2 = 54,127$; $p=0,000$) (cf. tabela 20).

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Tabela 20. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Grupo 1	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	11	34,4
FM concordante com Rumor	9	28,1
FM não concordante com Rumor	9	28,1
Não sabe/Não se recorda	3	9,4
Total	32	100
Grupo 2	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	10	32,3
FM concordante com Rumor	4	12,9
FM não concordante com Rumor	15	45,2
Não sabe/Não se recorda	3	9,7
Total	31	100
Grupo 3	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	33	100
FM concordante com Rumor	0	0
FM não concordante com Rumor	0	0
Não sabe/Não se recorda	0	0
Total	33	100
Grupo 4	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	31	67,4
FM concordante com Rumor	0	0
FM não concordante com Rumor	13	28,3
Não sabe/Não se recorda	2	4,3
Total	46	100

Relativamente à resposta numa questão aberta ou fechada, no grupo 1, 5 (15,6%) sujeitos respondem na questão aberta e 27 (84,4%) respondem na questão fechada. No grupo 2, 6 (19,4%) respondem na questão aberta e 25 (80,6%) respondem na questão fechada. Por seu lado, no grupo 3, 24 (72,7%) crianças respondem na questão aberta e 9 (27,3%) respondem na questão fechada. Por fim, no grupo 4, 16 (34,8%) crianças responderam na questão aberta e 30 (65,2%) responderam na questão fechada ($\chi^2 = 28,873$; $p=0,000$).

No que respeita à questão acerca da cor da pomba, verificou-se que, no grupo 1, ocorreram 5 (35,7%) respostas corretas, 8 (57,1%) respostas erradas e 1 (7,1%) sujeito que

referiu não saber ou não se recordar. Por seu lado, no grupo 2, 7 (43,8%) sujeitos responderam de forma correta, 5 (31,3%) responderam errado e 4 (25%) disseram não saber ou não se recordar. Já no grupo 3 foi possível verificar a ocorrência de 16 (94,1%) respostas corretas e 1 (5,9%) resposta errada. Por último, no grupo 4 registaram-se 14 (58,3%) respostas certas, 8 (33,3%) respostas erradas e 2 (8,3%) sujeitos que referem não saber ou não se recordar ($\chi^2 = 17,608$; $p=0,007$).

Na última questão, que se refere àquilo que a pomba estava a comer, verificou-se que, no grupo 1, 6 (42,9%) crianças respondem certo, 6 (42,9%) respondem errado e 2 (14,3%) referem não saber ou não responde. Por seu lado, no grupo 2, 9 (56,3%) crianças respondem acertadamente, 4 (25%) crianças respondem erradamente e 3 (18,8%) dizem não saber ou não se recordar. No grupo 3, verificaram-se 12 (70,6%) respostas certas, 3 (17,6%) respostas erradas e 2 (11,8%) sujeitos que dizem não saber ou não se recordar. Por fim, no grupo 4, 12 (50%) sujeitos respondem corretamente, 10 (41,7%) respondem erradamente e 2 (8,3%) dizem não saber ou não se recordar ($\chi^2 = 4,625$; $p=0,593$).

No que se refere às idades dos sujeitos, verifica-se que para a questão *target*, no grupo de idades de 3 anos, a maior percentagem respondeu com base numa falsa memória não concordante com o rumor (44,1%), no grupo de idades de 4 anos, maioritariamente responderam de acordo com o evento vivido (59%) e no grupo de idades de 5 anos responderam também maioritariamente de acordo com o evento vivido (78,7%) ($\chi^2 = 19,890$; $p=0,003$) (cf. tabela 21)

Tabela 21. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	12	35,3
FM concordante com Rumor	3	8,8
FM não concordante com Rumor	15	44,1
Não sabe/Não se recorda	4	11,8
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Resposta de acordo com o evento vivido	36	59
FM concordante com Rumor	5	8,2
FM não concordante com Rumor	17	27,9
Não sabe/Não se recorda	3	4,9
Total	61	100
Sujeitos com 5 anos		
Resposta de acordo com o evento vivido	37	78,7
FM concordante com Rumor	5	10,6

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

FM não concordante com Rumor	4	8,5
Não sabe/Não se recorda	1	2,1
Total	47	100

Relativamente ao tipo de resposta, foi possível verificar que, em todos os grupos, maioritariamente se obtiveram respostas na questão fechada ($X^2 = 5,894$; $p=0,052$) (cf. tabela 22).

Tabela 22. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades para o tipo de resposta

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Questão aberta	7	20,6
Questão fechada	27	79,4
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Questão aberta	22	36,1
Questão fechada	39	63,9
Total	61	100
Sujeitos com 5 anos		
Questão aberta	22	46,8
Questão fechada	25	53,2
Total	47	100

No que concerne ao desenho do livro de pintura, verifica-se que, no grupo das crianças de 3 anos, 22 (64,7%) crianças respondem corretamente, 9 (26,5%) respondem de forma errada e 3 (8,8%) dizem não saber ou não se recordar. No grupo das crianças com 4 anos, 47 (77%) respondem corretamente, 8 (13,1%) respondem de forma errada e 6 (9,8%) dizem não saber ou não se recordar. Por fim, no grupo de crianças com 5 anos, 43 (91,5%) respondem corretamente, 2 (4,3%) respondem de forma errada e 2 (4,3%) dizem não saber ou não se recordar ($X^2 = 10,256$; $p=0,036$).

Relativamente às cores dos copos, verificou-se que, em todos os grupos de idades, as crianças respondem maioritariamente de forma correta, embora tais diferenças não sejam estatisticamente significativas ($X^2 = 2,581$; $p=0,630$) (cf. tabela 23).

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Tabela 23. Distribuição frequencial e percentual consoante os grupos de idades para a resposta dada à questão sobre as cores dos copos na segunda entrevista

Sujeitos com 3 anos	Frequência	Percentagem
Certa	18	52,9
Errada	14	41,2
Não sabe/não responde	2	5,9
Total	34	100
Sujeitos com 4 anos		
Certa	32	53,3
Errada	26	43,3
Não sabe ou não responde	2	3,3
Total	60	100
Sujeitos com 5 anos		
Certa	31	66
Errada	14	29,8
Não sabe ou não responde	2	4,3
Total	47	100

Na questão acerca da transformação de um dos meninos, no grupo de crianças com 3 anos, 20 (58,8%) respondem corretamente, 9 (26,5%) respondem erradamente e 5 (14,7%) dizem não saber ou não se recordar. Por seu lado, no grupo de crianças com 4 anos de idade, 48 (81,4%) respondem corretamente, 10 (16,9%) respondem de forma errada e 1 (1,7%) dizem não saber ou não responde. Por último, no grupo de crianças com 5 anos, 43 (91,5%) responderam corretamente, 2 (4,3%) respondem de forma errada e 2 (4,3%) disseram não saber ou não se recordar ($X^2 = 16,113$; $p=0,013$).

No que respeita às diferenças consoante o género, para a questão *target*, verifica-se que, uma resposta de acordo com o evento vivido é a resposta predominante nos dois sexos ($X^2 = 2,566$; $p=0,463$) (cf. tabela 24).

Tabela 24. Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	51	65,4
FM concordante com Rumor	7	9
FM não concordante com Rumor	16	20,5
Não sabe/Não se recorda	4	5,1
Total	78	100

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Sexo Feminino		
Resposta de acordo com o evento vivido	34	53,1
FM concordante com Rumor	6	9,4
FM não concordante com Rumor	20	31,3
Não sabe/Não se recorda	4	6,3
Total	64	100

Relativamente a terem respondido à questão target na questão aberta ou fechada, observou-se que no sexo masculino, 31 (39,7%) sujeitos respondem na questão aberta e 47 (60,3%) na questão fechada. No sexo feminino, verificou-se que 20 (31,3%) respondeu na questão aberta e 44 (68,8%) responde apenas na questão fechada ($X^2=1,102$; $p=0,294$).

Relativamente aos desenhos do livro de pintura, quer no sexo masculino, quer no sexo feminino, as respostas dadas encontram-se maioritariamente corretas ($X^2=2,374$; $p=0,305$) (cf. tabela 25).

Tabela 25. Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão sobre os desenhos do livro de pintura na segunda entrevista

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Certa	58	74,4
Errada	12	15,4
Não sabe/não responde	8	10,3
Total	78	100
Sexo Feminino		
Certa	54	84,4
Errada	7	10,9
Não sabe ou não responde	3	4,7
Total	64	100

Por seu lado, na questão alusiva às cores dos copos, também em ambos os sexos, as respostas são maioritariamente certas ($X^2 = 0,970$; $p=0,616$) (cf. tabela 26).

Tabela 26. Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão sobre as cores dos copos na segunda entrevista

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Certa	46	59,7

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Errada	27	35,1
Não sabe/não responde	4	5,2
Total	77	100
Sexo Feminino		
Certa	35	54,7
Errada	27	42,2
Não sabe ou não responde	2	3,1
Total	64	100

No que respeita à questão alusiva à transformação de um dos meninos, observamos uma maioria de respostas acertadas em ambos os sexos ($X^2 = 2,263$; $p=0,323$) (cf. tabela 27).

Tabela 27. Distribuição frequencial e percentual consoante os sexos para a resposta dada à questão sobre a transformação de um dos meninos na segunda entrevista

Sexo Masculino	Frequência	Percentagem
Certa	59	77,6
Errada	14	18,4
Não sabe/não responde	3	3,9
Total	76	100
Sexo Feminino		
Certa	52	81,3
Errada	7	10,9
Não sabe ou não responde	5	7,8
Total	64	100

No que respeita às diferenças obtidas em função do tipo de entrevista (sugestiva ou não sugestiva), para a questão *target*, verificamos que, tanto aqueles que responderam à entrevista não sugestiva como aqueles que responderam à entrevista sugestiva, deram uma resposta de acordo com o evento vivido ($X^2=5,576$; $p= 0,134$) (cf. tabela 28)

Tabela 28. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	44	62
FM concordante com Rumor	8	11,3

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

FM não concordante com Rumor	13	18,3
Não sabe/Não se recorda	6	8,5
Total	71	100
Entrevista sugestiva		
Resposta de acordo com o evento vivido	41	57,7
FM concordante com Rumor	5	7
FM não concordante com Rumor	23	32,4
Não sabe/Não se recorda	2	2,8
Total	71	100

Na questão alusiva aos desenhos do livro de pintura, verifica-se que tanto no grupo de sujeitos que respondeu à entrevista não sugestiva, como no grupo de sujeitos que responderam à entrevista sugestiva, as respostas foram maioritariamente corretas ($X^2=8,753$; $p= 0,013$) (cf. tabela 29).

Tabela 29. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão sobre os desenhos no livro de pintura na segunda entrevista

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Certa	57	80,3
Errada	5	7
Não sabe/não responde	9	12,7
Total	71	100
Entrevista sugestiva		
Certa	55	77,5
Errada	14	19,7
Não sabe ou não responde	2	2,8
Total	71	100

Na questão acerca das cores dos copos, em ambos os grupos se verificou um maior número de respostas certas comparativamente ao número de respostas erradas ($X^2=6,598$; $p= 0,037$) (cf. tabela 30).

Tabela 30. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão sobre as cores dos copos na segunda entrevista

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Certa	37	52,9
Errada	27	38,6
Não sabe/não responde	6	8,6
Total	71	100
Entrevista sugestiva		
Certa	44	62
Errada	27	38
Não sabe ou não responde	0	0
Total	71	100

Quando questionados acerca da transformação de um dos meninos, em ambos os grupos se registou um maior número de respostas corretas, comparativamente às outras opções de resposta ($\chi^2=22,179$; $p= 0,000$) (cf. tabela 31).

Tabela 31. Distribuição frequencial e percentual consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão sobre a transformação de um dos meninos na segunda entrevista

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Certa	59	85,5
Errada	2	2,9
Não sabe/não responde	8	11,6
Total	69	100
Entrevista sugestiva		
Certa	52	73,2
Errada	19	26,8
Não sabe ou não responde	0	0
Total	71	100

Por último, apresentam-se os resultados relativos ao tipo de entrevista, consoante os 4 grupos de investigação.

Assim, relativamente à questão target, dos sujeitos do grupo 1 que responderam à entrevista não sugestiva, foi possível observar que, 6 (33,3%) responderam de acordo com o evento vivido, 4 (22,2%) responderam com uma falsa memória concordante com o rumor, 5 (27,8%) e 3 (16,7%) disseram não saber ou não se recordar. Por seu lado, entre os sujeitos do

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

grupo 1 que responderam à entrevista sugestiva, 5 (35,7%) responderam de acordo com o evento vivido, 5 (35,7%) responderam com uma falsa memória concordante com o rumor, 4 (28,6%) responderam com uma falsa memória não concordante com o rumor e nenhum sujeito disse não se recordar ($X^2=2,859$; $p= 0,414$) (cf. tabela 32).

Tabela 32. Distribuição frequencial e percentual do grupo 1 consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	6	33,3
FM concordante com Rumor	4	22,2
FM não concordante com Rumor	5	27,8
Não sabe/Não se recorda	3	16,7
Total	18	100
Entrevista sugestiva		
Resposta de acordo com o evento vivido	5	35,7
FM concordante com Rumor	5	35,7
FM não concordante com Rumor	4	28,6
Não sabe/Não se recorda	0	0
Total	14	100

No que concerne ao grupo 2, entre os sujeitos que responderam na entrevista não sugestiva, verificou-se um maior número de respostas com base numa falsa memória não concordante com o rumor, assim como também entre os sujeitos do grupo 2 que responderam na entrevista sugestiva ($X^2=4,992$; $p= 0,172$) (cf. tabela 33).

Tabela 33. Distribuição frequencial e percentual do grupo 2 consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	4	26,7
FM concordante com Rumor	4	26,7
FM não concordante com Rumor	6	40
Não sabe/Não se recorda	1	6,7
Total	15	100
Entrevista sugestiva		
Resposta de acordo com o evento vivido	6	37,5

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

FM concordante com Rumor	0	0
FM não concordante com Rumor	8	50
Não sabe/Não se recorda	2	12,5
Total	16	100

No grupo 3, tanto os sujeitos que responderam na entrevista não sugestiva (16), como aqueles que responderam na entrevista sugestiva (17), responderam todos de acordo com o evento vivido. Por último, entre os sujeitos do grupo 4 que responderam na entrevista não sugestiva, verificou-se um maior número de respostas de acordo com o evento vivido, sendo que o mesmo resultado se verificou entre os sujeitos que responderam à entrevista sugestiva ($X^2=8,967$; $p= 0,011$) (cf. tabela 34).

Tabela 34. Distribuição frequencial e percentual do grupo 4 consoante o tipo de entrevista para a resposta dada à questão *target* na segunda entrevista

Entrevista não sugestiva	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	18	81,8
FM concordante com Rumor	0	0
FM não concordante com Rumor	2	9,1
Não sabe/Não se recorda	2	9,1
Total	22	100
Entrevista sugestiva	Frequência	Percentagem
Resposta de acordo com o evento vivido	13	54,2
FM concordante com Rumor	0	0
FM não concordante com Rumor	11	45,8
Não sabe/Não se recorda	0	0
Total	24	100

5 - Discussão

Amostra Global

Após a obtenção e apresentação dos resultados, é possível verificar que alguns dados estão em conformidade com estudos já publicados e mencionados anteriormente na revisão da literatura. Partindo primeiramente da análise dos resultados relativos à amostra global, verifica-se que a maior parte das crianças que participaram no estudo não construiu falsas memórias, na medida em que, na primeira entrevista, responderam de acordo com o evento

vivido, independentemente da experiência indexada à condição experimental em que se encontravam e do tipo de entrevista a que foram submetidos (65,5%). Este resultado remete para a capacidade das crianças em recordar as situações que vivem e de as relatar fidedignamente a alguém, graças à relação entre linguagem e pensamento (Estrada e Brainerd, 2007). Este resultado corrobora também os obtidos nos estudos que demonstram que a memória das crianças em idade pré-escolar pode ser bastante exacta, independentemente do tempo decorrido (Merritt, Ornsteix e Spicker, 1994; Ornstein, Follmer e Gordon, 1995; Ricci e Beal, 1998), o que confirma a primeira hipótese, a maioria das crianças reporta acontecimentos de acordo com a experiência vivida. A criança pré-escolar recorda aquilo que tem sentido e que lhe tenha suscitado interesse (Antoraz e Villalba, 2010). Todavia, em 28,9% (falsa memória concordante com o rumor conjuntamente com a falsa memória não concordante com o rumor) das crianças, verificou-se a ocorrência de um relato que não corresponde à experiência vivenciada. Além disto, 11,3% demonstraram ter incorporado o rumor nas suas memórias originais. Apenas 5,6% das crianças admite não se recordar ou não saber. Apesar de uma maior percentagem de relatos verídicos, a percentagem de respostas incorretas não deve ser ignorada, já que se verificou uma percentagem com grande relevância (28,9%). Tais resultados encontram-se em conformidade com aquilo que é referido na literatura, na medida em que Principe e Ceci (2002), bem como Principe e colaboradores (2006), verificaram que duas fontes diferentes de sugestibilidade (entrevista sugestiva e desinformação de pares) são passíveis de aumentar os falsos relatos.

Na segunda entrevista verificam-se resultados idênticos, embora tenha ocorrido um decréscimo ligeiro de respostas concordantes com o evento vivido, que se manifestou, curiosamente, num aumento considerável de falsas memórias não concordantes com o rumor. No entanto, o resultado mais marcante, por não ser esperado, foi o facto de 17,6% das crianças ter reportado uma recordação que não coincide nem com o rumor nem com a experiência vivida. Apesar do presente estudo não ter como explicar cabalmente este resultado, uma vez que decorre de factores que lhe são alheios e, portanto, de variáveis não controladas poderão avançar-se algumas hipóteses:

1. Capacidade mnésica e atencional das crianças pré-escolares: As crianças pré-escolares demonstram alguma dificuldade em armazenar recordações, mas têm uma capacidade extraordinária para representar acontecimentos comuns, que acontecem de forma repetitiva no seu quotidiano (Vasta, Haití e Miller, 1996). Esta repetição origina guiões. Tendo em consideração que estes guiões não se produzem apenas a partir de um acontecimento específico, mas que são construções da globalidade do que ocorre habitualmente, uma vez elaborados influenciam a forma como se processam e recordam experiências futuras (Hudson, 1990). Este factor pode fazer com que os pré-escolares, face a um acontecimento novo, preencham o esquecimento com informação coerente com os seus guiões (Hudson, 1990). Uma das crianças afirmou que a pomba não apareceu no chapéu porque foi para a rua onde estavam a dar milho e que a tinha visto à porta da escola, note-se que de facto é frequente ver pombas nessa zona da cidade. Esta ideia é fundamentada pelas

teorias construtivistas, a memória implica a actuação sobre novas experiências e consequente integração em função daquilo que já se sabe, pelo que a memória final é uma construção e nem sempre a mera reprodução da experiência. Portanto, quando a compreensão de uma situação nova é complexa para a criança esta pode ser simplificada e explicada de modo coerente com os seus guiões, através da evocação da experiência (Steller, 1998). Logo, a dificuldade de compreensão de algumas experiências poderá influir na sua codificação e o seu significado pode determinar a forma como a armazenam, organizam e recordam. Por outro lado, e tendo em conta a Teoria do Traço Difuso, as crianças pré-escolares tendem a prestar atenção e a recordar detalhes periféricos (literais) dos acontecimentos, pelo que algumas das crianças participantes poderão não ter atendido ao rumor. Note-se que o rumor pressupõe uma história, informação contextual que pode não ter sido valorizada pelas crianças, ainda mais quando não é análoga às suas experiências quotidianas. Além disso, segundo Cantón (2000), as características personalísticas da criança, o seu estado emocional, as suas expectativas, os factores temporais (duração e frequência de um acontecimento) e os factores ambientais (por exemplo, clareza ou ambiguidade de um acontecimento) podem influenciar a sua atenção e codificação de um evento.

2. A dificuldade no controlo da monitorização da fonte para as suas recordações. Pelo que uma experiência imaginada por si poderá ser incluída na sua recordação posterior, tal como evidenciam os estudos no âmbito do Paradigma da Inflação pela Imaginação. Segundo alguns estudos, quando se pede às crianças que imaginem determinado acontecimento e se pergunta se de facto aconteceu, estas tendem a afirmar que são reais (Foley, Harris e Hermann, 1994; Parker, 1995). Por outro lado, este resultado também pode ter sido influenciado pelo rumor entre pares, rumor esse diferente do que foi inserido pela educadora. Uma das crianças afirmou que um dos seus colegas lhe disse que a pomba apareceu à porta da escola.

Condição Experimental

A análise dos resultados em função da condição experimental evidencia uma diferença bastante significativa estatisticamente entre grupos no que concerne à questão *target*, denotando-se um número muito superior de respostas de acordo com a experiência vivida nos grupos 3 (testemunhas) e 4 (controlo) relativamente aos grupos 1 (rumor) e 2 (colegas/rumor). Note-se que na segunda entrevista do grupo 3, a totalidade da amostra respondeu de acordo com o evento vivido. Este resultado confirma o esperado (ver hipótese 3) e evidencia os efeitos negativos da sugestibilidade induzida pela propagação do rumor, que poderá dever-se à carência de monitorização da fonte. As crianças em idade pré-escolar demonstram dificuldade na identificação da origem das suas recordações, pelo que poderão afirmar ter experienciado um acontecimento que na realidade lhe tenha sido contado por alguém (Ceci e Bruck, 1999; Poole e Lamb, 1998). Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Principe e colaboradores (2006) na medida em que as crianças incorporaram o

rumor nas suas recordações, mesmo sem exposição directa ao rumor introduzido por um adulto, e são passíveis de propagar espontaneamente informação ouvida através do grupo de pares. Mas contraria os seus resultados uma vez que as crianças do grupo 1 (rumor) e 2 (colegas/rumor) não obtiveram a mesma percentagem de falsas memórias concordantes com o rumor, rejeitando a hipótese 2, que postulava a ausência de diferenças na construção de falsas memórias em função do grau de exposição ao rumor. De facto, as falsas memórias reportadas pelos grupos 1 e 2 obtêm resultados ligeiramente diferentes, sendo notório que o grupo 1 oferece um maior número de relatos concordantes com o rumor que o grupo 2. Apesar de algumas crianças pertencentes ao grupo 2 terem sido contagiadas pelo rumor através dos colegas (16,1% na primeira entrevista e 12,9 % na segunda), a maioria delas construiu um maior número de falsas memórias não concordantes com o rumor. De facto neste grupo, este foi o resultado mais expressivo da segunda entrevista (45,2%), e não o relato de acordo com o evento vivido (32,3%) como acontece nos outros grupos independentemente do momento de entrevista. Este resultado poderá indiciar a falta de credibilidade percebida dos colegas, e que de certo modo se verificou também num estudo desenvolvido por Lampinen e Smith (1995). Nesse estudo, os autores contam uma história às crianças sobre uma menina que comeu ovos ao almoço e vomitou. Antes de proceder ao teste de memória, as crianças ouvem uma versão diferente da história, desta vez através de outra criança, de um rapaz jovem e de um rapaz jovem sobre o qual afirmaram “não estar bem da cabeça”. Cada um dos três grupos foi ainda dividido em dois, em que metade voltava a ouvir a mesma história e em que as restantes crianças ouviam uma versão diferente: a menina comeu cereais e ficou com dor de cabeça. Os resultados demonstraram que a história contada pela criança e pelo rapaz jovem “mal da cabeça” quase não influenciaram o posterior relato das crianças e que a história falsa contada pelo rapaz jovem influenciou significativamente no relato das crianças.

A maioria dos grupos responde à questão *target* apenas quando questionados de forma específica, à excepção do grupo 3 (testemunhas) durante a segunda entrevista. No grupo 2 houve um incremento de falsas memórias da primeira (45,1%) para a segunda entrevista (58,1%), a par com um aumento do número de respostas dadas de forma específica, que aumentou de 58,1% para 80,6%. A correspondência entre o tipo de relato e o formato de questão em que as crianças responderam demonstra que a recordação livre está associada a um número superior de memórias verdadeiras. Sabendo que o grupo 3 é o que responde mais vezes em relato livre e que o grupo 1 responde maioritariamente em questão fechada e relacionando estes resultados com a oposição de respostas entre os grupos na questão *target*, corrobora-se mais uma vez a associação positiva entre questões fechadas e erros de relato, ou questões abertas e declarações fidedignas. É de salientar que estes resultados são estatisticamente significativos para o segundo momento de entrevista, corroborando a hipótese 11 que aponta no sentido do relato livre estar associado a um menor número de erros mnésicos. Os resultados obtidos no estudo desenvolvido Peterson e Bell (1996) são também concordantes com os do presente estudo, em que questões do tipo aberto obtiveram um maior número de informações verdadeiras e questões fechadas produziram um aumento

considerável de informações erróneas. Os relatos das crianças pré-escolares são bastante exactos na resposta a questões abertas e não tendenciosas, pelo que a melhor forma de iniciar uma entrevista é o relato livre (Cantón e Cortés, 2000).

Apesar dos resultados serem apenas estatisticamente significativos no primeiro momento de entrevista ($p=0,004$ na primeira e $p=0,007$ na segunda), aquando da averiguação das respostas dadas às duas questões acrescentadas na condição de entrevista sugestiva, indutoras de sugestão análoga ao rumor verifica-se que a maioria das crianças cedeu à sugestão interrogativa. Note-se que para analisar esta questão somaram-se os resultados tanto das respostas correctas como das incorrectas, uma vez que à excepção do grupo 3 (testemunhas), nenhuma das crianças pertencentes aos restantes grupos viu a pomba ou a viu a comer milho. Assim, sempre que a criança não assuma desconhecer a resposta dá indícios de sugestionabilidade. 92,8% das crianças do grupo 1 optaram por uma resposta para a questão acerca da cor da pomba (em ambas as entrevistas), tendo sido os resultados mais expressivos dentro de um padrão homogéneo de resposta entre grupos. Os resultados menos inflacionados, mas ainda assim bastante elevados, foram dados pelas crianças pertencentes ao grupo 2 na resposta à mesma questão, de 76,5% em ambas as entrevistas. Estes resultados são suportados pela literatura ao corroborar o facto das crianças mais novas tenderem a escolher uma opção, mesmo que incorrecta, quando não sabem a resposta, e cedendo à sugestão (Bruck et al., 1997; Ceci e Bruck, 1993, 1999; Peterson, Dowden e Tobin, 1999; Poole e White, 1993). Daqui se poderá inferir que a introdução de perguntas capciosas gera maiores níveis de aceitação de sugestão nas crianças, tal como esperado e formulado na hipótese 12.

Idade

A análise dos resultados em função da idade demonstra que o número de crianças que relata o acontecimento *target* de acordo com o evento vivido aumenta com a idade. Estes resultados confirmam a hipótese 8, uma vez que se verifica que o grau de sugestionabilidade e a tendência para integrar falsas memórias diminui à medida que a idade aumenta. O número de memórias verdadeiras aumenta significativamente dos 3 para os 4 anos e dos 4 para os 5 anos. Este resultado, estatisticamente significativo, vai ao encontro da maioria dos estudos que afirma que a vulnerabilidade à sugestionabilidade decresce em função da idade (Alexander, Goodman, Schaaf, Edelstein, Quas e Shaver, 2002; Geddie, Fradin e Beer, 2000) e que à medida que a idade aumenta, a construção de falsas memórias diminui (Stein e col, 2010). A memória de evocação aumenta com a idade devido ao desenvolvimento de estratégias mnemónicas, cuja frequência e complexidade vai aumentando a par com a evolução da metamemória (Vasta, Haith e Miller, 1996). Contudo, se tivermos apenas em linha de conta a percentagem de crianças de 4 e 5 anos (83% na primeira entrevista e 78,7% na segunda), que responderam de acordo com o evento vivido, constatamos que a concepção de alta sugestionabilidade em idade pré-escolar não é confirmada, contrariando aos

resultados da maioria dos estudos que indicam que as crianças mais novas, até aos seis anos, são mais sugestionáveis que as mais velhas ou os adultos (Ceci e Bruck, 1993; Cunha, Albuquerque e Pimentel, 2005). Importa ainda referir, dentro dos resultados obtidos para as falsas memórias, o número considerável de relatos não concordantes com o rumor, especialmente nas crianças de 3 anos. Este resultado pode residir no facto das crianças mais novas terem dificuldades acrescidas em tarefas de recordação livre sem que se cedam pistas (Saywitz e Lyon, 2002) e na dificuldade na distinção da fonte de informação recordada (Carneiro e Fernandez, 2010), como anteriormente referido. Recorde-se ainda o citado estudo de Ceci, Loftus, Leichman e Bruck (1994), que concluiu que, num grupo de crianças entre os 3 e os 6 anos, quanto mais novas eram as crianças, maior era a sua tendência de aceitação de episódios falsos (induzidos pela criação de imagens mentais). Relativamente à resposta da questão *target* em questão aberta ou questão fechada, não se verificaram tendências de aumento ou decréscimo de recordação livre em função da idade, pelo que os resultados para além de não significativos estatisticamente, são inconclusivos.

No que diz respeito às questões não relacionadas com rumor, a maioria das crianças responde acertadamente na primeira e na segunda entrevista, o que revela um índice baixo de sugestionabilidade interrogativa. Este resultado não é estatisticamente significativo, contudo poderá dever-se ao conteúdo a recordar, que está relacionado essencialmente a memórias literais, como cores e desenhos. As crianças mais novas retiram um número superior de informações literais de um evento (Stain e col., 2010)), recordam e relatam quantidades substanciais de informação durante muito tempo (Fivush, 2011; Fivush et al., 2004), sendo que esta capacidade se evidencia em situações com carga emocional (neste caso positiva) (Brown, Schefflin e Hammond, 1998; Pezdek e Eddie, 2001).

Género

Quando se comparam os géneros para a resposta à questão *target*, nas duas entrevistas, verifica-se que ambos respondem maioritariamente de acordo com o evento vivido. Contudo, o sexo masculino reporta um número superior de memórias verdadeiras (69,2%) que o sexo feminino (60,9%), ainda que a diferença seja ligeira. Em segundo lugar, a opção de resposta com maior frequência de ocorrência é a que diz respeito a falsas memórias não concordantes com o rumor, contudo parece haver maior propensão do sexo feminino (21,9%) do que do sexo masculino (14,1%) na escolha desta opção. Partindo das hipóteses anteriormente colocadas para a explicação de relatos não concordantes com o rumor, este resultado sugeriria uma tendência superior das meninas na construção de falsas memórias falsas memórias não concordantes com o rumor. Contudo, os resultados não são estatisticamente significativos.

Através da análise das respostas dadas às questões não relacionadas com o *target* na primeira entrevista, para as quais os resultados também não são estatisticamente significativos, pode verificar-se que o sexo masculino, em duas das três questões, assume em

maior número (que o sexo feminino) que não sabe ou não se recorda da questão. Contudo, na segunda entrevista os resultados sugerem o oposto, visto que nas três questões são as meninas a assumir (duas vezes mais que os rapazes) que não sabem ou não se recordam. Estes resultados lançam a hipótese de que poderá ter havido efeitos de sugestionabilidade interrogativa no sexo masculino. Esta hipótese ganha maior probabilidade de se confirmar quando se verifica que, ao contrário do sexo feminino, no sexo masculino a percentagem de acertos às questões, da primeira para a segunda entrevista, diminuiu para todas as questões. Em contrapartida, aumentam o número de questões erradas, pelo que de facto parece haver maior tendência à cedência de sugestionabilidade interrogativa no sexo masculino. No entanto, como referido, não se encontram diferenças estatisticamente significativas na sugestionabilidade e construção de falsas memórias relativamente ao género, reiterando os resultados obtidos por Gudjonsson (1997), Rudy e Goodman (1991) e Costa e Pinho (2010), pelo que as diferenças encontradas poderão estar relacionadas com outro tipo de variáveis individuais, não estudadas no presente estudo. De acordo com Young, Powell e Dudgeon (2003), o género não se correlaciona com sugestionabilidade, não constituindo um bom preditor de aquiescência à sugestão. Através da análise dos resultados obtidos aceita-se a hipótese 10: não existem diferenças significativas entre géneros no que concerne à construção de falsas memórias e à sugestionabilidade.

Condição de Entrevista

Nenhum dos resultados relativos à condição de entrevista é estatisticamente significativo, porém verifica-se que, independentemente de terem sido inquiridos de forma neutra ou sugestiva, a maioria das crianças responde de acordo com o evento vivido. Numa primeira análise, tendo em conta o tipo de resposta à questão *target* para cada momento de entrevista, de forma isolada, observa-se que a indução de sugestão em relação ao rumor durante a entrevista não surte qualquer efeito (na entrevista final, o número de crianças a reportar falsa memória de acordo com o rumor é superior na condição de entrevista não sugestiva). Este resultado pode ser explicado pelo facto da entrevista se ter iniciado com uma questão aberta, sendo que a pergunta ao *target* era logo a segunda e ambas são iguais quer na entrevista neutra, quer na sugestiva. Para além disso, apesar da tipologia sugestiva das questões, foi promovido um ambiente agradável e redutor do impacto do *status* do entrevistador, o que segundo Ceci e Bruck (1999) reduz o grau de intimidação, aumenta a resistência à sugestão e capacita as crianças a fazer face às sugestões falsas do entrevistador. No entanto, enquanto na condição de entrevista neutra se observa uma ausência de diferenças no que concerne às respostas dadas (da primeira para a segunda entrevista), as alterações das respostas das crianças entrevistadas de forma sugestiva são bastante notórias: (1) o número de respostas de acordo com o evento vivido diminui em cerca de 10%; (2) as declarações de acordo com o rumor também diminuem (de 12,7% para 7%); (3) há um aumento expressivo do número de declarações não concordantes com o rumor nem com o

evento vivido, traduzido na elevação do número de falsas memórias não concordantes com o rumor (de 15,5% para 32,4%); e (4) a percentagem de crianças que assume não saber ou não recordar o evento diminui para metade.

Estes resultados vão ao encontro dos resultados obtidos por Bruck, Ceci e colaboradores (1995), em que 38% das crianças entrevistadas de forma sugestiva incluiu nos seus relatos factos que não ocorreram no evento original nem foram sugeridos pelo entrevistador, pelo que se conclui que a repetição de entrevistas sugestivas pode ter efeitos nefastos nas declarações das crianças (Poole e Lindsay, 1995).

Aprofundando mais e cruzando os resultados obtidos em função do tipo de entrevista e da condição experimental (apenas para o segundo momento de entrevista), no grupo 1 (Rumor) não houve diferenças de maior entre entrevistas nas respostas que reportavam a experiência vivida nem nas coincidentes com falsas memórias distintas do rumor. Mas verificaram-se diferenças na percentagem de crianças que inclui o rumor na sua memória (neutra: 22,2%; sugestiva:35,7%). Este resultado parece demonstrar que a combinação do rumor introduzido por um adulto (confiável) com a entrevista sugestiva parece fazer aumentar a tendência de distorção mnésica para o evento sugerido. A força da combinação entre rumor e entrevista sugestiva é menor quando o rumor é introduzido pelo grupo de pares: nenhuma criança pertencente ao grupo 2 (colegas/rumor) e na condição de entrevista sugestiva reportou o rumor, enquanto que na condição neutra 26,7% das crianças prestou declarações concordantes com o rumor. Deste resultado depreende-se ainda que, neste grupo, a incorporação do rumor foi influenciada apenas pela sugestão proveniente do grupo de pares. A entrevista sugestiva, como esperado, não teve efeitos nas declarações do grupo de testemunhas, uma vez que a sugestão que lhe estava inerente é concordante com a experiência realmente vivida por este grupo. No grupo de controlo observa-se uma diferença bastante significativa entre o tipo de entrevista, sendo que o número de falsas memórias reportadas (naturalmente não concordantes com o rumor) aumenta substancialmente de 9,1% para 45,8% - respectivamente neutra e sugestiva. Quanto maior é o tempo que decorre entre o evento e a entrevista, maior é a influência do esquecimento e maior a probabilidade deste ser preenchido com informação proporcionada pelo entrevistador ou por qualquer outra pessoa. Sob efeito de entrevista interrogativa, as crianças poderão guardar memórias de experiências que nunca viveram (Goodman, Bottoms e Schwarz-Kennedy, 1991). Além disso, quando a mesma pergunta é repetida, algumas crianças supõem que isso se deve ao facto de não ter dado a resposta correcta, alterando a resposta de forma a satisfazer o entrevistador. Esta alteração pode ser incluída na recordação da criança - quanto maior for a repetição, mais sólida será a recordação (Goodman, Bottoms e Schwarz-Kennedy, 1991).

Resumindo, nos grupos “rumor” e “colegas/rumor” só se observa a influência da entrevista sugestiva quando o rumor é introduzido por um adulto. Segundo Ackerman (1983) as crianças parecem ser menos sensíveis a influências sugestivas por parte dos seus pares do que à dos adultos. Contudo, o efeito desta entrevista não pode ser visto como inócuo tendo em conta os resultados obtidos no grupo de controlo.

Aquando da análise das questões não relacionadas com o rumor, de uma forma geral, verifica-se que na primeira entrevista as crianças na condição neutra deram um número inferior de respostas correctas. Este resultado poderá dever-se a um erro na elaboração das questões, uma vez que na entrevista sugestiva, apesar das perguntas serem de resposta forçada, uma das opções estava correcta, dando às crianças a possibilidade de a escolher por mero reconhecimento. Contudo, o número de respostas erradas foi semelhante pelo que se destaca o facto das crianças alvo de entrevista neutra tenderem a assumir que não sabiam a questão, ou não se recordavam, de forma mais provável que as crianças na condição sugestiva. Como referido na literatura, a utilização de questões sugestivas leva as crianças a optar por uma opção de resposta, mesmo que incorrecta, demonstrando dificuldades em assumir que não sabe responder (Bruck et al., 1997; Ceci e Bruck, 1993, 1999; Peterson, Dowden e Tobin, 1999; Poole e White, 1993). Quando se analisam diferenças de resposta da primeira para a segunda entrevista, no que concerne à entrevista neutra observa-se um decréscimo ligeiro de respostas certas, mas também uma diminuição das respostas erradas traduzidas no aumento da afirmação de que não sabem a resposta. O mesmo padrão de alteração não se verifica na condição sugestiva, em que se dá um decréscimo acentuado de respostas correctas e um aumento significativo de respostas erradas, acompanhado por um valor quase nulo da percentagem de crianças que afirma desconhecer a resposta. Estes factores levam mais uma vez à conclusão de que a repetição da entrevista sugestiva poderá levar ao aumento de erros de memória para o evento original.

Quer para a questão *target*, quer para as questões não relacionadas com o rumor, o efeito nocivo da sugestão e repetição de entrevistas é explicado pelo enfraquecimento do traço da memória original e consequente aumento de susceptibilidade aos efeitos de falsa informação, que ocorre devido ao aumento do espaço temporal entre o evento original e a declaração da criança (Bruck, Ceci et al., 1995; White et al., 1997).

O conjunto de resultados vai ao encontro das hipóteses 5, 6 e 13. A construção de falsas memórias concordantes com o rumor é superior no segundo momento de entrevista e no grupo de crianças alvo de entrevista sugestiva, donde se infere que a repetição de entrevistas (sugestivas) conduz ao aumento do número de erros de memória no relato das crianças. Contudo não se verifica que as crianças na condição de entrevista sugestiva incorporam um número superior de falsas memórias concordantes com o rumor, como postulava a hipótese 7. A 4ª hipótese, que defendia que a combinação entre entrevista sugestiva e rumor conduz ao aumento da aquiescência à sugestão de falsas memórias só se verifica quando o rumor é sugerido por um adulto.

6 - Conclusões

O presente estudo tinha como principal objectivo avaliar o impacto do rumor na construção de falsas memórias em crianças de idade pré-escolar. Constituíram-se, ainda, como objectivos a verificação dos efeitos da entrevista sugestiva, bem como da sua repetição, na sugestionabilidade e posterior relato da criança.

No que diz respeito ao objectivo primordial, e tendo em conta a amostra global, verificou-se que a maioria das crianças relatou fidedignamente a experiência vivida. Contudo, uma percentagem significativa de relatos evidencia a construção de falsas memórias, maioritariamente não concordantes com o rumor. Este resultado, não esperado, poderá dever-se, essencialmente, a características mnésicas e atencionais das crianças pré-escolares ou a dificuldades no controlo da monitorização da fonte das suas recordações. Relativamente à condição experimental, e analisando as diferenças entre o grau de exposição ao rumor, observaram-se diferenças significativas entre os grupos 3 e 4 (testemunha e controlo) e os grupos 1 e 2 (rumor e colegas/rumor). Este resultado evidencia os efeitos negativos da propagação do rumor, mesmo através do grupo de pares, como documentado por Principe e colaboradores (2006). Contudo, a exposição directa ao rumor introduzido por um adulto parece ter um impacto superior na alteração dos traços mnésicos para um evento, donde se poderá inferir a percepção dos seus pares como menos credíveis que o adulto. No que concerne à idade os resultados evidenciaram que a construção de falsas memórias é inversamente proporcional à idade da criança, corroborando a maioria dos estudos no âmbito do Paradigma da Desinformação. Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas na construção de falsas memórias no que respeita ao género, estando este resultado de acordo com a literatura vigente.

Considerando os efeitos da entrevista sugestiva, verificou-se que esta teve consequências negativas na correcção das declarações das crianças e que a sua repetição poderá ser nefasta no processamento mnésico infantil, mas não forçosamente no sentido do rumor, como esperado. Para as memórias que incorporaram o rumor, a entrevista sugestiva apenas surtiu efeito quando combinada com o rumor induzido pelo adulto.

Como postulado na revisão literária, a maioria das crianças cedeu à sugestionabilidade interrogativa: perguntas capciosas geram maiores níveis de aceitação de sugestão, questões fechadas obtêm um número superior de erros nas respostas dadas, questões de escolha forçada diminuem a assunção de desconhecimento da resposta.

A distinção entre memórias verídicas e falsas tem implicações tanto na área clínica como, sobretudo, na prática forense. A estruturação de entrevistas isentas de questões fechadas e que promovam o relato livre, a formação especializada do perito e o conhecimento aprofundado acerca do processamento mnésico indexado a cada etapa do desenvolvimento favorecerão a recolha de relatos consubstancialmente mais fidedignos. Contudo, importa, ainda, atender a factores externos à entrevista, que podem influenciar de

forma decisiva a precisão e a solidez dos relatos. Este domínio carece de investigação na população portuguesa.

Como referido, este estudo não conseguiu explicar plenamente a ocorrência do elevado resultado obtido relativamente às falsas memórias não concordantes com o rumor. Esta limitação poderia ser minimizada através da avaliação das fontes de informação da recordação da memória da criança e de factores individuais (cognitivos, de vinculação ou auto-conceito). A faixa etária dos 3 anos poderá não ter compreendido o evento target devido à sua especial dificuldade em apreender factores contextuais de uma situação, pelo que seria aconselhável que o acontecimento a recordar fosse indexado às suas capacidades. A avaliação do processamento mnésico poderia ser complementada recorrendo a técnicas de neuroimagem. Seria, também, pertinente avaliar o impacto do rumor entre pares noutras faixas etárias, nomeadamente em adolescentes. Esta é uma etapa desenvolvimental na qual o sujeito valoriza particularmente o seu grupo de semelhantes.

Estas limitações poderiam servir como linhas de orientação para investigações futuras. A investigação neste domínio poderá conduzir a uma melhor gestão da investigação criminal e optimizar a prova testemunhal infantil de forma a reduzir a vitimização secundária das crianças.

Referências bibliográficas

- Ackerman, B. (1983). Speaker bias in children's evaluation of the external consistency of statements. *Journal of Experimental Child Psychology*, 35, 111-127.
- Ackil, J. K., & Zaragoza, M. S. (1995). Developmental differences in eyewitness suggestibility and memory for source. *Journal of Experimental Child Psychology*, 60, 57-83.
- Albuquerque, P. B., & Pimentel, E. (2005). Impacto da inibição do efeito de recência na produção de memórias falsas em listas de associados. *Psicologia, Educação e Cultura*, 9 (1), 69-88.
- Alexander, K. W., Goodman, G., Schaaf, J. M., Edelstein, R. S., Quas, J. A., & Shaver, P. R. (2002). The role of attachment and cognitive inhibition in children's memory and suggestibility for a stressful event. *Journal of Experimental Child Psychology*, 83, 262-290.
- Antoraz, E. y Villalba, J. (2010). *Desarrollo cognitivo y motor*. Ed. Editex.
- Ayers, M.S., & Reder, L.M. (1998). A theoretical review of the misinformation effect: Predictions from an activation-based memory model. *Psychonomic Bulletin & Review*, 5, 1-21.
- Bain, S. A., & Baxter, J. S. (2000). Interrogative suggestibility: The role of the interviewer behavior. *Legal and Criminological Psychology*, 5, 123-133.
- Bain, S. A., Baxter, J. S., & Fellowes, V. (2004). Interacting influences on interrogative suggestibility. *Legal and Criminological Psychology*, 9, 239-252.
- Barbosa, M. E., Ávila, L. M., Feix, L. F., & Grassi-Oliveira, R. (2010). Falsas memórias e diferenças individuais. In L. M. Stein e cols. (Org.), *Falsas memórias: fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas* (pp. 133-154). Porto Alegre: Artmed.
- Bauer, P. J. (2006). Constructing a past in infancy: a neuro-developmental account. *Trends in Cognitive Sciences*, 10(4), 175-181.

- Bekerian, D. A., e Bowers, J. M. (1983). Eyewitness testimony: Were we misled? *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory*, 9, 139-145.
- Binet, A. (1900). *La suggestibilité*. Paris: Schleicher Freres.
- Bjorklund, D. F., Cassel, W. S., Bjorklund, B. R., Brown, R. D., Park, C. L., Ernst, K., & Owen, F. A. (2000). Social demand characteristics in children's and adults's eyewitness memory and suggestibility: The effect of different interviewers on free recall and recognition. *Applied Cognitive Psychology*, 14, 421-433.
- Brady, M. S., Poole, D. A., Warren, A. R., & Jones, H. R. (1999). Young children's responses to yes-no questions: Patterns and problems. *Applied Developmental Science*, 3, 47-57.
- Brainerd, C. J., Reyna, V. F., & Ceci, S. J. (2008). Developmental reversals in false memory: a review of data and theory. *Psychological Bulletin*, 134(3), 343-382.
- Brainerd, C. J., Reyna, V. F., & Forrest, T. J. (2002). Are young children susceptible to the false-memory illusion? *Child Development*, 73(5), 1363-1377.
- Brainerd, C. J., Reyna, V. F., & Brandse, E. (1995). Are children's false memories more persistent than their true memories? *Psychological Science*, 6, 359-364.
- Brown, D., Goldstein, E., & Bjorklund, D. F. (2000). The history and zeitgeist of the repressed-false-memory debate: Scientific and sociological perspectives on suggestibility and childhood memory. In D. F. Bjorklund (Ed.), *False-memory creation in children: Theory, research, and implications* (pp. 1-30). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brown, D., Schefflin, A. D., & Hammond, D. C. (1998). *Memory, trauma treatment, and the law*. New York: Norton & Company.
- Bruck, M., Ceci, S. J., Francoeur, E., & Renick, A. (1995). Anatomically detailed dolls do not facilitate preschooler's reports of a pediatric examination involving genital touching. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 1, 95-109.
- Bruck, M., Ceci, S. J., & Melnyk, L. (1997). External and internal sources of variation in the creation of false reports in children. *Learning and Individual Differences*, 9(4), 289-316.

- Bruck, M., Ceci, S. J., Francoeur, E., & Barr, R. J. (1995). I hardly cried when I got my shot!: Influencing children's reports about a visit to their pediatrician. *Child Development*, 66, 193-208.
- Bruck, M., & Ceci, S. J. (1997). The suggestibility of young children. *Current Directions in Psychological Science*, 6 (3), 75-79.
- Bruck, M., & Ceci, S. J. (2004). Forensic developmental psychology: Unveiling four common misconceptions. *American Psychological Society*, 13 (6), 229-232.
- Bruck, M., Ceci, S. J., Francoeur, E., & Renick, A. (1995). Anatomically detailed dolls do not facilitate preschooler's reports of a pediatric examination involving genital touching. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 1, 95-109.
- Bruck, M., & Melnyk, L. (2004). Individual differences in children's suggestibility: a review and synthesis. *Applied Cognitive Psychology*, 18, 947-996.
- Bull, R., Corran, E. (2002). Interviewing Child Witnesses: Past and Future. *International Journal of Police Science and Management*. 4. 315-322.
- Cantón, J. (2000). El papel de las habilidades cognitivas en la declaración del niño. En J. Cantón y M. R. Cortés, *Guía para la evaluación del abuso sexual infantil*, pp. 51-78. Madrid: Pirámide.
- Cantón, J. y Cortés, M. R. (2000). La sugestionabilidad de los niños. En J. Cantón y M. R. Cortés, *Guía para la evaluación del abuso sexual infantil*, pp. 85-122. Madrid: Pirámide.
- Carneiro, P. e Albuquerque, P. (2010). Paradigma DRM: Traições da memória. *In-Mind*. 1, 2-3, pp. 2-3.
- Carneiro, P., & Fernandez, A. (2010). Age differences in the rejection of false memories: The effects of giving warning instructions and slowing the presentation rate. *Journal of Experimental Child Psychology*, 105, 81-97.
- Ceci, S. J., & Bruck, M. (1993). Suggestibility of the child witness: A historical review and synthesis. *Psychological Bulletin*, 113, 403-439.
- Ceci, S. J., & Bruck, M. (1995). *Jeopardy in the courtroom: A scientific analysis of children's testimony*. Washington, DC: American Psychological Association.

- Ceci, S. J., & Bruck, M. (1999). The suggestibility of children's memory. *Annual Review of Psychology*, 50, 419-439.
- Ceci, S. J., Bruck, M. N., & Battin, D. B. (2000). The suggestibility of children's testimony. In D. F. Bjorklund (Eds.), *False-memory creation in children and adults: Theory, research and implications*, (pp. 169-201). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Ceci, S. J., Crossman, A. M., Scullin, M. H., Gilstrap, L., & Huffman, M. L. (2002). Children's suggestibility research: Implications for the courtroom and the forensic interview. In H. L. Westcott, G. M. Davies, & R. H. C. Bull (Ed.), *Children's testimony: A handbook of psychological research and forensic Practice*. West Sussex: England, 117-130.
- Ceci, S. J., & Friedman, R. D. (2000). The suggestibility of children: Scientific research and legal implications. *Cornell Law Review*, 86, 34-108.
- Ceci, S. J., Leichtman, M. D., & White, T. L. (1999). The good, the bad, and the ugly: Accuracy, inaccuracy, and elaboration in preschoolers' reports about a past event. *Applied Cognitive Psychology*, 11, 37-54.
- Ceci, S. J., Loftus, E. J., Leichtman, M. D., & Bruck, M. (1994). The possible role of source misattribution in the creation of false beliefs among preschoolers. *International Journal of Clinical & Experimental Hypnosis*, 42, 304-320.
- Ceci, S. J., Ross, D. F., & Toglia, M. P. (1987). Suggestibility of children's memory: Psycholegal implications. *Journal of Experimental Psychology: General*, 116, 38-49.
- Chae, Y., & Ceci, S. J. (2005). Individual differences in children's recall and suggestibility: The effects of intelligence, temperament, and self-perceptions. *Applied Cognitive Psychology*, 19, 383-407.
- Chae, Y., & Ceci, S. J. (2006). Diferenças individuais na sugestibilidade das crianças. In A. Castro Fonseca, M. R. Simões, M. C. Taborda Simões, & M. S. Pinho (Eds.), *Psicologia Forense* (pp. 471-496). Coimbra: Almedina
- Clarke-Stewart, K. A., Malloy, L. C., & Allhusen, V. D. (2004). Verbal ability, self-control, and close relationships with parents protect children against misleading suggestions. *Applied Cognitive Psychology*, 18, 1037-1058.

- Costa, A., & Pinho, M. S. (2008, 2 a 4 de Outubro). Estudo de propriedades psicométricas do Bonn Test of Statement Suggestibility. Comunicação apresentada na XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Braga: Universidade do Minho, Portugal.
- Cunha, A., Albuquerque, P., & Freire, T. (2007). Sugestionabilidade em crianças: Definição de conceitos e análise de variáveis cognitivas. *Psychologica*, 46, 125-141.
- Danielsdottir, G., Sigurgeirdottir, S., Einarsdottir, H. R., & Haraldsson, E. (1993). Interrogative suggestibility in children and its relationship with memory and vocabulary. *Personality and Individual Differences*, 14, 499-502.
- Davis, S. L., Bottoms, B. L. (2002). Effects of Social Support on Children's Eyewitness Reports. *Law and Human Behavior*. Vol.26, num. 2, pp. 185-215.
- Davies, G., Flin, R., & Baxter, J. (1986). The child witness. *The Howard Journal of Criminal Justice*, 25, 81-89.
- Dewhurst, S.A., Purslove, R.C., & Lewis, C. (2007). Story contexts increase susceptibility to the DRM illusion in 5-year-olds. *Developmental Science*, 10, 274-278.
- Eisen, M. L., Morgan, D. Y., & Mickes, L. (2002). Individual differences in eyewitness memory and suggestibility: examining relations between acquiescence, dissociation and resistance to misleading questions. *Personality and Individual Differences*, 33, 553-571.
- Endres, J. (1997). The suggestibility of the child witness: the role of individual differences and their assessment. *The Journal of Credibility Assessment and Witness Psychology*, 1, 44-67.
- Endres, J., Poggenpohl, C., & Erben, C. (1999). Repetitions, warnings and video: Cognitive and motivational components in preschool children's suggestibility. *Legal and Criminological Psychology*, 4, 129-146.
- Everson, M. & Boat, B. (2002). The utility of anatomical dolls and drawings in child forensic interviews. In. Quas & Goodman (Eds.), *Memory and Suggestibility in the Forensic Interview* (pp. 383-408). Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum

- Fernández-Rey, J., Carou, I. F., Lago, J. M. R., García, M. A. A. & col. (2004). *Procesos Psicológicos Básicos II: Manual de prácticas de memoria y lenguaje*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Finnillä, K., Mahlberga, N., Santtilaa, P., Sandnabba, K., & Niemi, P. (2003). Validity of a test of children's suggestibility for predicting responses to two interview situations differing in their degree of suggestiveness. *Journal of Experimental Child Psychology*, 85, 32-49.
- Fivush, R. (2011). The Development of Autobiographical Memory. *Annual Review of Psychology*, 62, 559-582.
- Fivush, R., & Nelson, K. (2004). Culture and Language in the Emergence of Autobiographical Memory. *Psychological Science*, 15(9), 573-577.
- Fivush, R., & Schwarzmueller, A. (1995). Say it again: Effects of repeated interviews on young children's event recall. *Journal of Traumatic Stress*, 8, 555-580.
- Fivush, R., & Schwarzmueller, A. (1998). Children Remember Childhood: Implications for Childhood Amnesia. *Applied Cognitive Psychology*, 12(5), 455-473.
- Foley, M. A., Harris, J. y Hermann, S. (1994). Developmental comparisons of the ability to discriminate between memories for symbolic play enactment. *Development Psychology*, 30, 206-217.
- Gabbert, F., Memon, A., Allan, K., & Wright, D. B. (2004). Say it to my face: Examining the effects of socially encountered misinformation. *Legal and Criminological Psychology*, 9, 215-227.
- Gallo, D. A. (2006). *Associative illusions of memory: False memory research in DRM and related tasks*. New York: Psychology Press.
- Garven, S., Wood, J. M., Malpass, R. S., & Shaw, J. S. III. (1998). More than suggestion: The effect of interviewing techniques from the McMartin Preschool case. *Journal of Applied Psychology*, 83, 347-359.
- Garven, S., Wood, J. M., & Malpass, R. S. (2000). Allegations of wrongdoing: The effects of reinforcement on children's mundane and fantastic claims. *Journal of Applied Psychology*, 85, 38-49.

- Geddie, L., Fradin, S., & Beer, J. (2000). Child characteristics which impact accuracy of recall and suggestibility in preschoolers: is age the best predictor? *Child Abuse and Neglect*, 24, 223-235.
- Ghetti, S., Qin, J., & Goodman, G. S. (2002). False memories in children and adults: Age, distinctiveness, and subjective experience. *Developmental Psychology*, 38, 705-718.
- Goff, L. M., e Roediger, H. L. (1998). Imagination inflation for action events: Repeated imaginings lead to illusory recollections. *Memory & Cognition*, 26, 20-33.
- Goodman, G. S., Bottoms, B. L., Schwartz-Kenney, B., & Rudy, L. (1991). Children's testimony about a stressful event: Improving children's reports. *Journal Narrat. Life Hist.*, 1, 69-99.
- Goodman, G. S., Hirschman, J. E., Hepps, D., & Rudy, L. (1991). *Children's memory for stressful events*. *Merrill Palmer Quarterly*, 37, 109-158.
- Goodman, G. S., Quas, J. A., Batterman-Faunce, J. M., Riddlesberger, M. M., & Kuhn, J. (1997). Children's reactions to and memory for a stressful event: Influences of age, anatomical dolls, knowledge, and parental attachment. *Applied Developmental Science*, 1, 54-75
- Goodman, G. S., Wilson, M. E., Harzan, C., & Reed, R. S. (1989). Children's testimony nearly four years after an event. Paper presents at Annual Meeting of the Eastern Psychological Association, Boston, MA.
- Goodman, G. S., & Reed, R. S. (1986). Age differences in eyewitness testimony. *Law and Human Behavior*, 10, 317-332.
- Gudjonsson, G. H. (1984). A new scale of interrogative suggestibility. *Personality and Individual Differences*, 5(3), 303-314.
- Gudjonsson, G. H. (1987). Historical background to suggestibility: how interrogative suggestibility differs from other types of suggestibility. *Personality and Individual Differences*, 8, 347-355.
- Gudjonsson, G. H. (1997). *The Gudjonsson Suggestibility Scales Manual*. Hove, UK: Psychology Press.

- Gudjonsson, G. H. (2003). *The psychology of interrogations and confessions: A handbook*. (Wiley Series in the Psychology of Crime, Policing and Law). West Sussex, UK: John Wiley & Sons.
- Harris, P., Brown, E., Marriott, C., Whittall, S., & Harmer, S. (1991). Monsters, ghosts and witches: Testing the limits of the fantasy-reality distinction in young children. *British Journal of Developmental Psychology*, 9, 105-123.
- Henry, L. A., & Gudjonsson, G. H. (1999). Eyewitness memory and suggestibility in children with mental retardation. *American Journal on Mental Retardation*, 104, 491-508.
- Henry, L. A., & Gudjonsson, G. H. (2003). Eyewitness memory, suggestibility and repeated recall sessions in children with mild and moderate intellectual disabilities. *Law and Human Behavior*, 27, 481-505.
- Henry, L. A., & Gudjonsson, G. H. (2004). The effects of memory trace strength on eyewitness recall in children with and without intellectual disability. *Journal of Experimental Child Psychology*, 89, 53-71.
- Henry, L. A., & Gudjonsson, G. H. (2007). Individual and developmental differences in eyewitness recall and suggestibility in children with intellectual disabilities. *Applied Cognitive Psychology*, 21, 361-381.
- Holliday, R.E., Brainerd, C. J., & Reyna, V. F., (2011). Developmental reversals in false memory: Now you see them, now you don't!. *Developmental Psychology*, 47(2), 442-449.
- Howe, M. L. (2005). Children (but not adults) can inhibit false memories. *Psychological Science*, 16(12), 927-931.
- Howe, M. L., Cichetti, D. & Toth, S. L. (2006). Children's basic memory processes, stress and maltreatment. *Development and Psychopathology*, 18, 759-769.
- Hudson, J. (1990). Constructive processes in children's event memories *Developmental Psychology*, 27, 746-762.
- Hünefeldt, T., Lucidi, A., Furia, A., & Rossi-Arnaud, C. (2008). Age differences in the interrogative suggestibility of children's memory: Do shift scores peak around 5-6 years of age?. *Personality and Individual Differences*, 45, 521-526.

- Hyman, I. E., Husband, T. F., e Billings, J. F. (1995). False memories of childhood experiences. *Applied Cognitive Psychology*, 9, 181-197.
- Johnson, M. K., Hashtroudi, S., e Lindsay, D. S. (1993). Source monitoring. *Psychological Review*, 114, 3-28.
- Kensinger, E. A. (2009). Remembering the details: Effects on emotion. *Emotion Review*, 1 (2, 99-113)
- Lamb, M. E., Sternberg, K. J., Orbach, Y., Esplin, P. W., Stewart, H., & Mitchell, S. (2003). Age differences in young children's responses to open-ended invitations in the course of forensic interviews. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71 (5), 926-934.
- Leichtman, M. D., & Ceci, S. J. (1995). The effects of stereotypes and suggestions on preschoolers' reports. *Developmental Psychology*, 31, 568-578.
- Leichtman, M. D., Morse, M. B., Dixon, A., & Spiegel, R. (2000). Source monitoring and suggestibility: An individual differences approach. In K. P. Roberts & M. Blades (Eds.), *Children's source monitoring*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Lindsay, D. S., & Johnson, M. K. (1989). The eyewitness suggestibility effect and memory for source. *Memory and Cognition*, 17, 349-358.
- Lipmann, O. (1911). Pedagogical psychology of report. *Journal of Educational Psychology*, 2, 253-261.
- Lindsay, D. S., Johnson, M. K., & Kwon, P. (1991). Developmental changes in memory source monitoring. *Journal of Experimental Psychology*, 52, 297-318.
- Loftus, E., Feldman, J., & Dashiell, R. (1995). The reality of illusory memories. In D. Schacter (ed.), *Memory distortions: How minds, brains, and societies reconstruct the past*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Loftus, E. F., & Zanni, G. (1975). Eyewitness testimony: The influence of wording a question. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 5, 86-88.
- Lyon, T. D. (2002). Applying suggestibility research to real world of repeated questions. *Law and Contemporary Problems*, 65, 97-126.

- McFarlane, F., Powell, M., & Dudgeon, P. (2002). An examination of the degree to which IQ, memory performance, socio-economic status and gender predict young children's suggestibility. *Legal & Criminological Psychology, 7*, 227-239.
- Melinder, A., Scullin, M. H., Gunnerød, V., & Nyborg, E. (2005). Generalizability of a two factor measure of young children's suggestibility in Norway and the USA. *Psychology, Crime & Law, 11* (2), 123-145.
- Melnyk, L., Crossman, A. M., & Scullin, M. H. (2007). The suggestibility of children's memory. In M. P. Toglia, J. D. Read, D. F. Ross, & R. C. L. Lindsay (Eds.), *Handbook of eyewitness psychology*, Vol 1.: Memory for events (p. 401-427).
- Merrit, K. A., Ornstein, P. A. y Spicker, B. (1994). Children's memory for a salient medical procedure.: Implications for testimony. *Pediatrics, 94*, 17-23.
- Michel, M. K., Gordon, B. N., Ornstein, P. A., & Simpson, M. A. (2000). The abilities of children with mental retardation to remember personal experiences: Implications for testimony. *Journal of Clinical Child Psychology, 29*, 453-463.
- Nelson, K., & Fivush, R. (2000). Socialization of memory. In E. Tulving & F. I. M. Craik (Eds.), *The Oxford handbook of memory* (pp. 283-295). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Neufeld, C. B.; BRUST, P. G. e SILVA, M. T. (2011) Investigação da memória em crianças em idades escolar e pré-escolar. *Psicol. estud.* vol.16, 1.
- Nickerson, R. S. (1998). Confirmation bias: A ubiquitous phenomenon in many guises. *Review of General Psychology, 2*, 175-220.
- Ornstein, P. A., Follmer, A. y Gordon, B. N. (1995). The influence of dolls and props on young children's recall of pediatric examinations. En M. Brucks y S. J. Ceci (Eds.), *The use of props in eliciting children's reports of past events: Theoretical and forensic perspectives*. Society for Research in Child Development, Indianápolis.
- Ornstein, P. A., Gordon, B. N., & Larus, D. (1992). Children's memory for a personally experienced event: Implications for testimony. *Applied Cognitive Psychology, 6*, 49-60.
- Ornstein, P. A. & Haden, C. A. (2002). The Development of Memory: Toward an Understanding of Children's Testimony. In Eisen, M. L.; Quas, J. A. & Goodman, G. S. Memory &

Suggestibility in the Forensic Interview. Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates, (pp29-61)

Parker, J. (1995). Age differences in source monitoring of performed and imagined actions. *Journal of Experimental Child Psychology*, 60, 84-101.

Peterson, C., Dowden, C., & Tobin, J. (1999). Interviewing preschoolers: comparison yes/no and wh- questions. *Law and Human Behaviour*, 23, 539-555.

Peterson, C., & Bell, M. (1996). Children's memory for traumatic injury. *Child Development*, 67, 3045-3070.

Pezdek, K., & Eddy, R. M. (2001). Imagination inflation: A statistical artifact of regression toward the mean. *Memory and Cognition*, 29, 707-718.

Pimentel, E., Albuquerque, P. B. (2006). Memórias falsas e suas implicações na Intervenção Social. *Cadernos de Estudo*. 3, p.101-108.

Pinto, A. C. (1993). Os estudos psicológicos da memória humana na Universidade de Coimbra na década de 1920. *Psychologica*. 9, 5-30

Pinto, A. C. (2002). Recordações verídicas e falsas: Avaliação de alguns factores. *Psicologia, Educação e Cultura*. 6(2), 397-415.

Pipe, M. E., & Salmon, K. (2002). What children bring to the interview context: Individual differences in children's event reports. In M. L. Eisen, Quas & Goodman. *Memory and Suggestibility in the forensic interview* (pp. 235-265). Mahwah: Lawrence Erlbaum.

Pipe, M. E., Thierry, K. L., & Lamb, M. E. (2007). The development of event memory: Implications for child witness testimony. In M. Toglia, S. Lindsay, D. Ross, & D. Reed (Eds.), *Handbook of Eyewitness Psychology*. Mahwah, NJ: Erlbaum. (p. 453-478).

Poole, D. A. y Lamb, M. E. (1998). *Investigative interviews of children: A guide for helping professionals*. Washington, DC: American Psychological Association.

Poole, D.A., & Lindsay, S. (1995). Interviewing Preshoolers: Effects of nonsuggestive techniques, parental coaching and leading questions on reports of nonexperienced events, *Journal of Experimental Child Psychology*, 60, 129-154.

- Poole, D. A., & Lindsay, D. S. (1998). Assessing the accuracy of young children's reports: Lessons from the investigation of child sexual abuse. *Applied and Preventive Psychology, 7*, 1-26.
- Poole, D. A., & Lindsay, D. S. (2002). Reducing child witnesses' false reports of misinformation from parents. *Journal of Experimental Child Psychology, 81*, 117-140.
- Poole, D. A., & White, L. T. (1991). Effects of question repetition on the eyewitness testimony of children and adults. *Developmental Psychology, 27*, 975-986.
- Poole, D. A., & White, L. T. (1993). Two years later: Effects of question repetition and retention interval on the eyewitness testimony of children and adults. *Developmental Psychology, 29*, 844-853.
- Poole, D.A., & White, L. T. (1995). Tell me again and again: Stability and change in the repeated testimonies of children and adults. In M. Zaragoza, J. R. Graham, G. C. N. Hall, R. Hirschman, & Y. S. Ben-Porath (Eds.), *Memory and testimony in the child witness* (pp. 24-43). Sage Publications.
- Powers, P. A., Andriks, J. L., & Loftus, E. F. (1979). Eyewitness account of females and males. *Journal of Applied Psychology, 64*, 339-347.
- Principe, G. F., & Ceci, S. J. (2002). "I saw it with my own ears": The influence of peer conversations and suggestive questions on preschoolers' event memory. *Journal of Experimental Child Psychology, 83*, 1-25.
- Principe G.F., Daley L., Kauth K. (2010). Social processes affecting the mnemonic consequences of rumors on children's memory. *Journal of Experimental Child Psychology, 107* (4): 79-93.
- Principe, G. F., Kanaya, T., & Ceci, S. J. , & Singh, M. (2006). Believing is seeing: How rumors can engender false memories in preschoolers. *Psychological Science, 17*, 243-248.
- Principe, G. F., Ornstein, P. A., Baker Ward, L., & Gordon, B. N. (2000). The effects of intervening experiences on children's memory for a physical examination. *Applied Cognitive Psychology, 14*, 59-80.

- Principe, G. F., Tinguely, A., Dobkowski, N. (2007). Mixing memories: The effects of rumors that conflict with children's experiences. *Journal of Experimental Child Psychology*, 98, 1-19
- Quas, J. A., Malloy, L. C., Melinder, A., Goodman, G. S., D'Mello, M., & Schaaf. (2007). Developmental Differences in the Effects of Repeated Interviews and Interviewer Bias on Young Children's Event Memory and False Reports. *Developmental Psychology*, 43, 823-837.
- Reyna, V. F., Mills, B., Estrada, S., & Brainerd, C. J. (2007). False memory in children: Data, theory, and legal implications. In M. Toglia & D. Read (Eds.), *The handbook of eyewitness psychology: Memory for events*. Mahwah, NJ: Erlbaum. (p. 479-508).
- Ricci, Ch. M. y Beal, C. R. (1998). Child witnesses: Effect of event knowledge on memory and suggestionability. *Journal of Applied Development Psychology*, 19, 305-317.
- Roebbers, C. M., Gelhaar, T., & Schneider, W. (2004). It's magic! The effects of presentation modality on children's event memory, suggestibility, and confidence judgments. *Journal of Experimental Child Psychology*, 87, 320-335.
- Roediger, H. L., III, & McDermott, K. B. (1995). Creating false memories: Remembering words not presented on lists. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 21, 803-814.
- Roediger, H. L., III, Watson, J. M., McDermott, K. B., & Gallo, D. A. (2001). Factors determine false recall: A multiple regression analysis. *Psychonomic Bulletin & Review*, 8, 385-407.
- Rudy, L., & Goodman, G. S. (1991). Effects of participation on children's reports: Implications for children's testimony. *Developmental Psychology*, 27, 527-538.
- Sala, V. y Falcon, G. (2001). Aportes de las Neurociencias y la Psicología experimental a las ciencias forenses: Aspectos psiquiátrico-forenses de la entrevista en niños presuntamente abusados sexualmente: consecuencias de la inmadurez cognitiva, sugestionabilidad e implantación de falsos recuerdos. *Interpsiquis*. (2) pp. 1-15.
- Salmon, K., & Pipe, M. E. (2000). Recalling an event one year later: The impact of props, drawing and a prior interview. *Applied Cognitive Psychology*, 14, 99-120.

- Saywitz, K.J., & Lyon, T.D. (2002). Coming to grips with children's suggestibility. In M. Eisen, G. Goodman, & J. Quas (Eds.), *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp. 85-113). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Schaaf, J. M., Alexander, K. W., Goodman, G.S. (2008). Children false memory and true disclosure in face of repeated questions. *Journal of Experimental Child Psychology*, vol.100, 157-185.
- Schacter, D. L. (1999). The seven sins of memory: Insights from psychology and cognitive neuroscience. *American Psychologist*, 54, 182-203.
- Scullin, M. H., Kanaya, T., & Ceci, S. J. (2002). Measurement of individual differences in children's suggestibility across situations. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 8(4), 233-246.
- Scullin, M. H., & Ceci, S. J. (2001). A suggestibility scale for children. *Personality and Individual Differences*, 30, 843-856.
- Stein, L.M., *Falsas memórias: Fundamentos científicos e suas aplicações clínicas e jurídicas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Steller, M. (1998). Statement psychology at trial—Methodology and problems of credibility assessments in reference to the abuse trials in Worms. *Recht und Psychiatrie*, 16, 11-18.
- Stern, W. (1910). Abstracts of lectures on the psychology of testimony and on the study of individuality. *American Journal of Psychology*, 21, 273-282.
- Sjöberg, R. L. (1997). False allegations of satanic abuse: Case studies from the witch panic in Rättvik 1670-71. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 6, 219-226.
- Sjöberg, R. L. (1995). Child testimonies during an outbreak of witch hysteria: Sweden 1670 1671. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 36, 1039-1051.
- Thierry, K. L., Spence, M. J., & Memon, A. (2001). Before misinformation is encountered: Source monitoring decreases child witness suggestibility. *Journal of Cognition and Development*, 2 (1), 1-26.
- Tobey, A., & Goodman, G. S. (1992). Children's eyewitness memory: Effects of participation and forensic context. *Child Abuse & Neglect*, 16, 779-796.

- Vasta, R; Haith, M. M. y Miller, S. A. (2008). *Psicología infantil*. Barcelona: Ariel Psicología.
- Vrij, A., & Bush, N. (2000). Differences in suggestibility between 5-6 and 10-11 year olds: The relationship with self-confidence. *Psychology, Crime, and Law*, 6, 127-138.
- Warren, A. R., & Lane, P. (1995). The effects of timing and type of questioning on eyewitness accuracy and suggestibility. In M. Zaragoza, J. R. Graham, G. C. N. Hall, R. Hirschman, & Y. S. Ben-Porath (Eds.). *Memory and testimony in the child witness* (pp. 44-60). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- White, T. L., Leichtman, M. D., & Ceci, S. J. (1997). The good, the bad, and the ugly: Accuracy, inaccuracy, and elaboration in preschoolers' reports about a past event. *Applied Cognitive Psychology*, 11, 37-54.
- Young, K., Powell, M., & Dudgeon, P. (2003). Individual differences in children's suggestibility: A comparison between intellectually disabled and mainstream samples. *Personality and Individual Differences*, 35, 31-49.

Anexo 1

Guião de Entrevista

1. – “Fala-me de tudo o que te lembrares do dia em que o Zé Mágico veio ao Infantário...” – “Não tentes adivinhar nem inventes nada. Conta-me só o que viste mesmo, no dia em que o Zé Mágico veio à escola.”
“O que é que aconteceu mais?”

(Se a pomba ainda não foi mencionada)

2. - “Aconteceu alguma coisa à pomba do Zé Mágico?”

(Anotar se a criança respondeu na questão aberta ou na questão fechada)

Condição de Entrevista Não Sugestiva

3. “Que desenhos apareceram no livro de pintura?”
4. “De que cor eram os copos do Zé Mágico?”
5. “O Zé Mágico transformou um dos meninos, em quê?”

Condição de Entrevista Sugestiva

3. “Os desenhos do livro de pintura eram animais ou eram palhaços?”
4. “O Zé Mágico transformou um dos meninos em mágico ou em coelho?”
5. “As cores dos copos do Zé Mágico eram ‘vermelho e azul’ ou eram ‘amarelo e verde’?”
6. “A pomba era branca ou era preta?”
7. “A pomba estava a comer milho ou amendoim?”

Anexo 2

O impacto do rumor na construção de falsas memórias

Nº _____ Idade _____ Sexo ____ Grupo __ Tipo de Entrevista _____			
	Entrevista	1ª	2ª
⊗ 1 – Aconteceu alguma coisa à pomba do Zé Mágico?		----	----
1.1-Resposta de acordo com o evento vivido			
1.2-FM concordante com o rumor			
1.3-FM não concordante com o rumor			
1.4-Não sei/Não me lembro			
2 – Respondeu na questão...		----	----
2.1-Aberta			
2.1-Fechada			
3 – Desenhos do livro de pintura ▼ Eram animais ou palhaços?		----	----
3.1-Resposta Certa			
3.2-Resposta Errada		◇	◇
3.3-Não sei/Não me lembro			
4 – Cores dos Copos ▼ Azul e Vermelho ou verde e amarelo?		----	----
4.1-Resposta Certa			
4.2-Resposta Errada		◇	◇
4.3-Não sei/Não me lembro			
5 – Transformou um dos meninos em quê? ▼ Em mágico ou em coelho?		----	----
5.1-Resposta Certa			
5.2-Resposta Errada		◇	◇
5.3-Não sei/Não me lembro			
▼ 6 – Pomba branca ou preta?		----	----
6.1-Resposta Certa		-◇-	-◇-
6.2-Resposta Errada		◇	◇
6.3-Não sei/Não me lembro			
▼ 7 – Pomba a comer milho ou amendoim?		----	----
7.1-Resposta Certa		-◇-	-◇-
7.2-Resposta Errada		◇	◇
7.3-Não sei/Não me lembro			

⊗ Questão Target

▼ Condição de Entrevista Sugestiva

◇ Indicador de Sugestionabilidade -◇- Indicador de Sugestionabilidade nos grupos 1 e 2

Anexo 3



Universidade da Beira Interior

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia e Educação

Termo de Consentimento

Consentimento Informado

Eu, _____ declaro ter sido informado(a) pela Mestranda _____ que a participação do meu filho(a) _____ numa sessão de magia, e decorrentes entrevistas, se integram na realização de um Trabalho de Investigação acerca do impacto do rumor na construção de falsas memórias em crianças de idade pré-escolar.

Informo que me foi comunicado que a sua identidade permanecerá no anonimato e os dados provenientes da recolha serão confidenciais.

Como responsável, declaro que permito a sua participação na referida Investigação.

Covilhã, _____ de 2011

(Sara Durão Gomes dos Santos)

